



# maçã do amor



<b>Maçã do Amor</b>	<b>4</b>
<b>Cheiro de Chuva</b>	<b>10</b>
<b>Olh(am)ar</b>	<b>12</b>
<b>Sob o Céu de Aran</b>	<b>13</b>
<b>Receita</b>	<b>26</b>
<b>Páginas Molhadas</b>	<b>27</b>
<b>Carpe Noctem</b>	<b>34</b>
<b>Pedras Polidas</b>	<b>35</b>
<b>Correio Elegante</b>	<b>49</b>
<b>Quadrinho</b>	<b>50</b>
<b>Créditos</b>	<b>51</b>

# Carta do editor

Querido Leitor,

2020 não foi o melhor dos anos para ninguém. Entre milhares de perdas de entes queridos, mudanças de planos forçadas, insegurança e medo do porvir, parece difícil pensar em algo bom, mas se tem algo que nossa equipe editorial acredita é no poder das relações humanas. Não podemos prometer milagres e nem pretendemos fingir que está tudo bem no mundo, mas queremos dar um motivo para você, leitor, sorrir e ir dormir com o coração quentinho. As próximas páginas, assim como a Maçã do Amor, são dedicadas a contar histórias de amor em todas as suas fases, de todas as suas formas. Acreditamos que todos merecem uma história de amor e esperamos que você encontre nestas páginas algo que te faça acreditar nisto também.

Seja bem-vindo a uma era de açúcar

Luísa Scheid

# Maçã do Amor

Autoria: Ana Faria Ferrari | Edição: Tatiane Lucheis | Revisão: Thais Rocha

A praça estava enfeitada de bandeirinhas de todas as cores, o ar tinha o cheiro característico de milho, de churrasco e da fogueira acesa bem no meio da praça para espantar o frio das noites de junho. Desde o começo da tarde, os sanfoneiros se revezavam para animar os visitantes que não paravam de chegar, atraídos pelos comes e bebes e pelas barracas de diversão com as mais variadas prendas. A cidade que durante o dia tinha funcionado de forma tão rotineira, à noite parecia envolvida em uma luz nova, crianças acordadas até tarde, namorados trocando as prendas ganhas, e pessoas de todas as idades dançando, comendo e se divertindo.

O sol já estava se ponto quando Antonina saiu de sua casa com a cesta de vime toda vermelha com as maçãs, combinando com o batom dos lábios, as fitas que prendiam as tranças longas e negras caídas pelos seus ombros, e a camisa xadrez debaixo da jaqueta jeans que usava.

Tinha passado semanas preparando suas famosas maçãs do amor, escolhendo as frutas do tamanho e da suculência corretas para garantir o doce de melhor qualidade. Aquela era a única época do ano em que as fazia e a cidade inteira aguardava ansiosa a oportunidade de comer e se deliciar, todos tinham certeza que tinha algo de mágico no doce, mas ela repetia que o que deixava-o especial era apenas o amor, que fazia até o caramelo mais duro parecer suave.

Ela nunca teve uma barraca própria; apesar de já terem lhe oferecido o melhor lugar da praça, Antonina preferia andar entre as pessoas, ouvir suas histórias e oferecer um doce de conforto quando necessário, assim se sentia mais perto de todos e era como gostava.

Começou sua noite vendendo duas maçãs para uma mãe e seu filho, e continuou sua rota pela praça parando de tempos em tempos para conversar. Estava terminando mais uma dessas voltas quando um olhar triste acompanhado de um suspiro chamou sua atenção. Não era comum garotas jovens ficarem suspirando pelos cantos em uma festa daquelas, os jovens adoravam todas as oportunidades que tinham para zanzar pela cidade até altas horas da noite sem a implicância dos pais, mesmo que isso significasse assumir uma barraca qualquer por algumas horas.

— Que cara é essa, Lena? — Antonina perguntou se aproximando da menina.

Não era difícil conhecer todo mundo por apelido em uma cidade pequena daquelas, lembrava de Maria Helena correndo de um lado para o outro quando criança, e ainda agora, já moça, com os cabelos bem presos em uma trança única, calça jeans preta grudada no corpo e camisa xadrez amarrada em um nó na barriga por baixo da jaqueta preta, ela continuava com o olhar atento da criança curiosa que tinha sido.

— Vai murchar todas as pipocas desse jeito — disse sorrindo de forma carinhosa.

— Ai, Toninha... — A menina suspirou levantando e soltando os ombros com força. — Falei para mamãe que hoje não era um bom dia, mas ela insistiu que eu viesse, então eu vim...

— Não aceito esse desânimo na festa mais mágica do ano! — a mais velha falou com um sorriso determinado.

— A época mais mágica não é o Natal? — a menina questionou, estranhando o comentário.

— O Natal é lindo, mas a festa junina é mais a cara do Brasil — ela rebateu olhando em volta, sob a luz da fogueira tudo parecia coberto de uma película mágica e especial.

— Mais a cara do Brasil seria o carnaval — a garota provocou, um pouco do brilho de sempre sobressaindo em seus olhos.

— O carnaval pode ter mais glitter — ela disse fazendo a garota sorrir —, mas magia de verdade é com São João, São Pedro e Santo Antônio.

— Eu bem que queria um pouco dessa magia, viu — Lena respondeu voltando a perder o sorriso. — Talvez assim eu parasse de me apaixonar pelos garotos errados.

— E eu bem que eu sabia que esse muxoxo todo tinha haver com o coração — Antonina falou e os lábios se curvaram em mais um sorriso. — Quem é ele?

— O Flavinho... — respondeu olhando diretamente para o outro lado da praça onde o garoto estava sentado conversando com os amigos e rindo de alguma piada.

Era um garoto alto que usava a calça jeans propositalmente rasgada nos joelhos e uma camisa xadrez amarrada na cintura. Antonina também o reconhecia como sendo a criança que implorava para a avó deixá-lo empurrar o carrinho de compras aos domingos, de coração tão gentil que mesmo na

juventude ainda carregava o mesmo brilho no olhar.

— E o que o Flavinho fez? — a mulher perguntou, observando o garoto de longe, sabendo bem que, às vezes, até os corações mais delicados eram os que mais temiam amar, por correrem o risco de serem facilmente partidos.

— Nós estávamos conversando, e até saímos algumas vezes — Lena explicou, e Antonina percebeu o brilho, dessa vez apaixonado, em seus olhos.

— Mas quando o convidei para ser meu par na quadrilha hoje, ele recusou

— Talvez ele só não goste de dançar — Antonina sugeriu, mesmo sabendo que não era verdade.

— Não é isso, Toninha, pedir para dançar comigo foi praticamente uma declaração de amor — ela explicou, suspirando mais uma vez. — E ele recusou, e até começou a me evitar...

Antonina conhecia bem a situação, familiarizada com as artes causadas pelo coração, que levavam até mesmo o sentimento mais sincero a duvidar de si mesmo, o medo de se entregar sobressaindo ao desejo de se encontrar em outra pessoa.

— Você gosta bastante dele, né Lena? — perguntou vendo que a menina estava se controlando para não começar a chorar. Suspeitou que ela já tinha chorado muito antes de chegar na festa.

— Sim... Eu não sei, com ele parecia algo diferente, sabe? — a garota disse, aceitando o lenço que a mais velha lhe estendeu.

— Sei sim — a mulher falou colocando a mão nas costas da menina. — Mas acredite em mim, Lena, quando o sentimento é pra valer, cedo ou tarde vai acontecer.

— Ai, Toninha, queria muito acreditar em coisas bonitas assim, mas acho que amor não é pra mim... Santo Antônio deve ignorar todas as minhas preces — ela falou rindo, sem perceber o sorriso diferente de Antonina. — Obrigada por me ouvir, será que eu posso ganhar uma maçã também?

— Claro que pode, mas não agora — a mulher disse olhando para a cesta calmamente, deixando a menina confusa. — Não se preocupe, sua maçã vai chegar.

Lena quis perguntar o que ela queria dizer com aquilo, mas uma família chegou para comprar pipoca, e Antonina aproveitou para se afastar e continuar sua rota pela praça.

À sua volta crianças corriam e jovens riam alto, enquanto adultos aproveitavam as bebidas quentes. Antonina assistia tudo e da mesma forma que fazia parte daquela animação, também era apenas uma espectadora, observando os corações dançando noite adentro. Ela sentia que tinha encontra-

do a missão da noite, mas não se afobou, conhecia tudo aquilo muito bem e, quando fosse o momento certo, o garoto encontraria o caminho até ela sem nenhum problema.

Foi algumas horas depois, quando sua cesta estava quase vazia, que Flavinho se aproximou, o grupo de amigos bem longe, da forma como ela sabia que seria.

— Aceita uma maçã? — ofereceu quando ele já estava próximo o suficiente para ouvi-la.

— Com certeza! — ele falou sorrindo, tirando os dois reais do bolso para pagar. — Que sorte a minha, só restaram duas.

— Sabe, Flavinho, essa maçã é tão gostosa por um motivo — Antonina falou aceitando o dinheiro e entregando a maçã a ele.

O garoto estava distraído com a conversa e mal reparou no leve choque que recebeu quando sua mão tocou a da mulher, mas Antonina sorriu com a certeza de que, mais uma vez, estava certa de sua escolha.

— É amor, não é? — ele repetiu sabendo que essa era sempre a resposta dada para todo mundo que lhe pedia a receita.

— Exatamente, e ela fica ainda mais gostosa para os corações apaixonados — ela disse levantando as sobrancelhas, e o garoto ficou quase tão vermelho quanto o doce.

— É mesmo? — perguntou antes da primeira mordida, parecendo receoso de continuar em frente.

— Me diz, Flavinho, você está apaixonado? — Toninha questionou, e não demorou para os olhos do menino se dirigirem até a barraca de pipoca, onde Lena atendia mais um grupo de pessoas.

— Não sei, Toninha — respondeu de forma sincera. — Como a gente sabe que tá apaixonado?

— Quando a gente sente que o nosso amor já faz parte da outra pessoa — ela respondeu como se fosse a coisa mais simples do mundo, vendo o garoto continuar confuso.

— E o que a gente faz quando estraga tudo? — Ele voltou a olhar para o doce de forma um tanto quanto triste.

— A gente tenta de novo. — Ela, então, lhe estendeu a última maçã da cesta. — Ela está esperando essa maçã.

— Mas eu não tenho mais dinheiro — ele falou, mas Toninha colocou o palito com o doce em suas mãos mesmo assim.

— Essa maçã não tem preço — explicou sorrindo —, mas apenas se ela unir dois corações apaixonados.

— E se não for amor de verdade? — Sua insegurança refletia-se em seus olhos, apesar de segurar os dois doces de forma firme.

— Nada é por acaso, Flavinho — ela disse colocando a mão no ombro dele e o virando na direção da barraca de pipoca. — E nem precisa ter razão, só aceite dar uma chance pro seu coração.

— O que eu falo para ela? — perguntou se sentindo mais calmo e decidido do que a instantes atrás. A festa inteira continuava acontecendo, mas de alguma forma, ele só via Lena na sua frente e a voz suave de Antonina em seu ouvido.

— Se concentre nos olhos dela, tudo o que você precisa falar, está lá — ela disse soltando lentamente o menino que, como se enfeitiçado, atravessou a praça até a barraca da pipoca.

Antonina assistiu de longe o garoto entregar a maçã e então a troca de olhar que foi além de qualquer palavra. De onde estava, ela pôde ver os dois corações se unindo da mesma forma que o açúcar virava caramelo, o que antes eram grãos separados, se uniram em uma calda doce e agradável que, com o tempo, endureceria cada vez mais.

— Mais um casal enfeitiçado, Toninha? — uma senhora perguntou, parando a seu lado, observando a mesma cena que ela, dois jovens risonhos comendo maçã do amor juntos.

— É o que parece — respondeu sem esconder o sorriso de satisfação, segurando a cesta agora vazia.

— Como você sabe qual é que vai dar certo? — a senhora perguntou, fazendo a mais jovem levantar uma das sobrancelhas.

— Você sabe bem que Santo Antônio não erra, Dona Dinha — ela disse, piscando e sorrindo antes de se afastar, deixando a senhora sozinha olhando o casal jovem que agora estava de mãos dadas.

Quando Dona Dinha se virou para voltar para sua barraca, demorou uns instantes a mais observando a mulher que a esperava organizando os bolos de forma a ficarem mais convidativos para os clientes e, como se tempo algum tivesse passado, se lembrou de observá-la daquela mesma forma, as duas ainda moças, com os corações inexperientes e inseguros. Tinha sido uma noite de junho igual àquela, e ela se lembrava bem das palavras doces de Antonina que lhe deram coragem para finalmente se declarar.

Talvez, para o resto da cidade, Antonina fosse apenas mais um deles, mas àqueles que tiveram sorte de experimentar o verdadeiro sabor da maçã do amor, sabiam a verdade.

— Não tinha mais maçãs? — a mulher perguntou quando a viu voltar

de mãos vazias.

— Acabaram — Dona Dinha respondeu, arrumando o avental na cintura.

— Tudo bem, de qualquer forma, nenhuma maçã foi tão gostosa quanto aquela primeira que você me deu — a mulher falou, segurando a mão da esposa, que sorriu com ela, e não pôde deixar de concordar.

Santo Antônio realmente não errava.



Ana consome romances no café da manhã, de preferência com três colheres de açúcar, e se pudesse viveria em um musical porque cantar sobre seus sentimentos faz tudo ficar melhor. Amante dos clichês, seu encontro perfeito envolve sorvete e o fim de uma tarde de verão.

# Cheiro de Chuva

Autoria: Giovanna T. Catapani | Edição: Tatiane Lucheis | Revisão: Thais Rocha

Andrigo podia passar a noite observando Marcela dançar. Seu corpo balançando ao som da música, perdida em seu próprio mundo. Ele recostado contra o poste de iluminação pública, sem pensar nas gosmas que se prenderam ali, cerveja gelada na mão. Ela na rua, vestido verde neon e os cabelos pink esvoaçando no ar.

Ele não gosta de dançar, mas gosta da noite calorenta fazendo suar e Marcela lhe abraçando cansada por alguns minutos, enquanto rouba goles da latinha e lhe sorri contente. Gosta do cheiro da pele suada, dos olhos cheios de glitter e da paixão que promete mais tarde.

Não é Carnaval. Marcela odeia Carnaval, mas para em quase toda outra festa de rua e roda de música, se escorrega para rua e deixa a música fluir no sangue. Hoje, a música latina parece lhe energizar, deixando o corpo mais sinuoso do que nunca.

— Mais um pouco e não tem metrô para ir embora. — Andrigo lhe sorri.

— Mais um pouco e você vira um avozinho indo dormir depois do chá. — Marcela lhe aperta carinhosamente e depois chama o garçom para pedir mais uma cerveja.

Dessa vez, ela toma a latinha quase num gole, e lhe roça os lábios antes de partir de novo, o calor de seu corpo se perdendo no abafamento do concreto. Andrigo deixa o olhar se perder na rua, a pressão em sua cabeça já lhe diz que logo vai chover.

Marcela ri quando ele prediz o clima com facilidade. Resquício de bruxaria, ela murmura ao pé do seu ouvido. Andrigo concorda, o pai também sentia atrás da nuca o repuxo da tempestade e o avô gritava ao céu para parar de lhe pesar a testa.

A chuva não cai logo, mas o cheiro de terra para molhar já começa a subir pelo asfalto: parece estranho sentir esse cheiro na cidade, mas talvez seja atávico, chove e você espera o cheiro reconfortante de terra. O cheiro se mistura aos corpos, cria atmosfera com a música, quer brigar com o cheiro da cerveja. Marcela lhe olha pelo ombro, sem sorrir dessa vez, mas o chamando mesmo assim.

Ele joga a lata no lixo do bar e se aproxima, abraçando-a pelas costas, deixando o movimento de seu corpo lhe arrebatrar por alguns instantes.

A chuva cai, tempestade daquelas não programadas. Lava os pecados, as virtudes, a alma e então para, do nada. Se fosse dia, o sol voltaria com força, ali de noite, a rua refresca e as pessoas correm para dentro dos bares, padarias e pizzarias.

Sobram Andriago e Marcela, o beijo molhado levando também a letargia da semana que não os deixou se encontrar antes.

— Será que vai estrelar o céu? — Marcela pergunta marota, o riso quase derramando em gargalhada.

— Não aqui no meio da cidade, mas me leva para casa e quem sabe.

— Andriago lhe beija a bochecha, cuidando para deixar a boca livre para que retruque.

— Só se você pagar o pão na chapa amanhã cedo.

— Só um café. Nada de expresso, você fica muito agitada.

Marcela não responde. Vão ser pelo menos dois cafés e um docinho já no caixa. Expressos, e sendo domingo, Andriago não vai ter paz para ler, mas ele perdoa.

Marcela também lhe perdoa os roncos, afinal de contas.



Giovanna é a taurina residente: aqui comemos sentimentos, páginas e comidas gostosas, às vezes tudo ao mesmo tempo. Histórias tem que ter tempero, e não nos cruze com mau humor porque os inferos sobem a terra e se escondem atrás do olhar. Seu encontro perfeito envolve comida farta, discussão de assuntos polêmicos e paisagens feitas para um selfie.

# Olh(am)ar

Autoria: Camila Paixão | Edição: Ana Faria Ferrari | Revisão: Thais Rocha

Olho os seus olhos me olharem  
e quero olhá-los para sempre:  
seus olhos, tão abertos e tão claros,  
que me veem para além do que vejo,  
para além do que julgo ser.  
São os olhos que tanto busco  
ao abrir os meus no calar da noite,  
os olhos que vejo dormir sorrindo  
na madrugada do seu corpo quente.  
Olho os seus olhos dormirem e  
mesmo em sonho eles me guiam,  
iluminam o meu caminhar e o meu ser  
que só são plenos com você.  
Olho os seus olhos me olharem e  
quero olhá-los para sempre: os olhos  
nos quais mergulho, transbordo, me  
encontro, os olhos nos quais te enxergo  
e amo o que vejo.



Camila é "fangirl" por natureza, comilona que nem a Magali e a louca dos marca textos. Quando não está trabalhando se diverte com os seus filhotes de quatro patas, bebe todo o café que a sua gastrite permite, escuta as músicas de suas bandas favoritas e relê "Orgulho e Preconceito" pela milésima vez. Seu encontro perfeito envolve pizza, um cineminha básico e aquele passeio que não pode faltar na livraria.

# Sob o Céu de Aran

Autoria: Bruny Guedes | Edição: Ana Faria Ferrari | Revisão: Camila Paixão

A Lua já estava alta no céu quando Pietra saiu de sua cabana para observá-la. Tentou não fazer barulho, mas era um pouco difícil quando seus cascos batiam na pedra do chão, então contornou a trilha por um caminho mais longo para poder chegar logo na grama, que abafava seus passos.

Há dias não conseguia dormir direito, mas hoje simplesmente não conseguiu pregar os olhos. A angústia pelos próximos dias a consumia, e ela já não sabia mais o que fazer, então resolveu caminhar para pensar um pouco, espairecer, se distrair.

A centauride cavalgou até um dos picos mais baixos da montanha e ali se deitou para observar a paisagem que a lua cheia iluminava. As altas árvores, que nessa época do ano estavam cheias de flores amarelas e rosas, onde às vezes dava para ver uma pequena claridade oriunda das fadinhas que ali residiam, alguns animais noturnos que caçavam ali perto, e até um vislumbre do enorme rio que cortava toda a floresta, e que naquele ponto passava bem próximo à montanha.

Sentindo a brisa gelada da madrugada no rosto, Pietra soltou os cabelos encaracolados da enorme trança que usava e deixou que os fios em tom marsala dançassem com o vento. Embora ela só vestisse uma fina camada de pele de animais no tronco, o frio não a incomodava. Sua pele em um suave tom canela era quente como o sol do fim da tarde.

Ao abaixar as mãos que soltaram a amarra do cabelo, o leve tilintar da pulseira que usava chamou sua atenção e imediatamente a encheu de melancolia. Aquela era a prova incontestável de que agora ela era a líder da tribo, desde que seu pai falecera há algumas semanas. Era a lembrança da morte do pai, a quem antes a pulseira pertencera, assim como também era o motivo de sua inquietação nos últimos dias.

Ela havia treinado a vida toda para ocupar o lugar do pai, mas agora que a hora havia chegado, não se sentia preparada. Foram aulas e mais aulas de luta e manejo de armas, aulas sobre guerra e estratégia, de conhecimentos sobre plantas, remédios e venenos e das diversas línguas das mais variadas criaturas do mundo de Aran, mas ninguém a preparara para a obrigação do casamento.

Gemeu baixinho de pesar ao se lembrar das últimas reuniões do con-

selho, onde o assunto mais falado era esse. Quem seria o melhor partido para Pietra? Quem poderia comandar a tribo a seu lado? Quem lhe daria os melhores e mais fortes filhotes para prosseguir a linhagem de líderes quando sua hora chegasse?

Sacudiu a cabeça, como se espantasse todos aqueles pensamentos conflitantes. Tinha ido até ali para tentar relaxar, então voltou a apreciar a vista quando notou um movimento com o canto dos olhos. Algo se movia na beira do rio, bem abaixo da parte da montanha onde Pietra se encontrava. De imediato, achou que fosse uma sereia emergindo da água, mas logo viu que a mulher possuía pernas.

Curiosa, a centauride se apoiou na beira para ver melhor. A criatura caminhou lentamente até uma pedra na margem do rio e ali se sentou, ajeitando os longos cabelos azuis nas costas. Apoiou-se com as mãos para trás e olhou para a lua, que a iluminava. A luz que lhe cobria como um manto cintilante a tornava etérea, como se fosse um ser celestial. Sorriu timidamente para a noite, enquanto seus pés balançavam vagarosamente dentro da água.

Pietra absorvia cada detalhe daquela visão sem piscar, como se, ao fazê-lo, a ninfa pudesse sumir. Observou o tom dos cabelos molhados que caíam em cascata pelas costas, a curva dos ombros, o delineado do colo, e só então notou que a criatura estava nua.

A vergonha a tomou de imediato, mas ainda assim ela não conseguia desviar os olhos, tamanho encanto que sentia.

Quando seus pensamentos começavam a desanuviar para que ela se decidisse se descia até lá ou se apenas continuava a observar, a ninfa se levantou da pedra, esticou lentamente todo o corpo, como se o alongasse, e mergulhou, sumindo nas profundezas do rio.

No mesmo instante, um vazio tomou conta do peito da centauride, como se não pudesse deixar a ninfa partir. Ela se levantou e desceu a montanha, correndo até o rio, mas o que poderia fazer? Subiu na pedra para ver melhor, mas não havia sinal da criatura na água.

Voltou para a grama e deitou-se, o peito doendo sem que soubesse por quê. Ficou revivendo aquela cena na mente milhares de vezes, até que adormeceu.

Teve sonhos demais e acordou sobressaltada, pouco antes do sol raiar. Feliz por ter conseguido dormir ao menos um pouco, Pietra se levantou e decidiu que voltaria logo para sua cabana para que ninguém percebesse que havia saído. Não queria dar explicações. Tentou não pensar muito na ninfa, mas logo notou que não conseguiria. O que vira na madrugada a encantara de um jeito

que não achou que seria possível.

Caminhou vagarosamente enquanto voltava para a trilha. Entrou na floresta sem prestar muita atenção no caminho, até por conhecê-lo como a palma de sua mão.

Foi só quando tropeçou em uma raiz que não deveria existir na trilha que notou que estava fora dela.

Como isso havia acontecido? Estava tão distraída que não percebera a mudança drástica de caminho? Olhou ao redor para se localizar e ouviu o barulho do rio bem próximo, mas não era a mesma parte do rio em que estivera antes. Tinha ido realmente muito longe. Bufando, virou-se para voltar ao caminho certo quando um sentimento estranho a tomou, causando-lhe uma urgência desconhecida. Nervosa e sem nem saber o porquê, Pietra voltou-se novamente ao rio e galopou até ele, parando só quando seus cascos estavam dentro da água. Começou a procurar, mas... O que procurava? Desorientada, entrou no rio até que somente seu tronco ficasse de fora e então viu, na margem oposta, o que parecia ser uma criatura desacordada.

Nadou desajeitadamente até lá, o pânico a tomando de formas que desconhecia, pois sabia o que encontraria ali. Abaixou-se, reconhecendo a criatura da noite anterior de imediato. De perto, conseguia identificar que era uma náia-de, ninfa de água doce. Ela estava deitada de bruços com mais da metade do corpo dentro da água, desmaiada. Pietra a pegou no colo, o rosto enrubescendo ao notar que ela ainda estava nua, mas agora isso não importava. Viu que havia uma pequena bolsa no chão e a pegou também. Saiu da água e caminhou até uma clareira, onde os primeiros raios de sol começavam a tocar o chão. Deitou cuidadosamente a ninfa na grama, depositou a bolsa a seu lado e correu de um lado para o outro buscando ervas que pudessem fortalecê-la de alguma forma. Amassou as plantas em uma casca de árvore, misturou com um pouco de água do rio e delicadamente fez com que a criatura tomasse tudo.

Agora era esperar que fizesse efeito.

Pietra não era boa em esperar.

Tanto pela preocupação, quanto por estar completamente embaraçada com a nudez da ninfa, ela não conseguia ficar parada. Primeiro, pegou madeira seca e fez uma fogueira. Depois, procurou por folhas grandes para que pudesse cobri-la. Então caçou um pequeno animal, assou na fogueira e o comeu.

Depois de algumas horas, deitada ao lado da náia-de, desistiu de se forçar a não olhar. Ela era ainda mais magnífica de perto, sob a luz do sol. Sua pele tinha um tom claro de azul, como o miosótis, que facilmente se confundiria com a cor do rio. Os cabelos eram azuis índigo, longos, cheios e lisos. O rosto

possuía algumas marcas, como sardas em tons um pouco mais escuros.

A centauride olhou as pálpebras fechadas da criatura, e se pegou sorrindo, enquanto se perguntava de que cor seriam seus olhos.

Mal o pensamento terminara de se formar, a náíade os abriu vagarosamente. As írises eram de um tom de violeta que Pietra nunca tinha visto, e ela arfou tanto pela visão quanto por seu despertar, mesmo que parecesse um pouco zonha.

Em um movimento rápido, a náíade se assustou e tentou se levantar, mas uma tontura a impediu. Ainda estava fraca demais.

Pietra a segurou pelas costas, impedindo que ela caísse deitada.

— Ei, vai com calma... Você ainda não se recuperou totalmente.

A ninfa a encarou, confusa.

— Quem é você? O que aconteceu?

— Meu nome é Pietra. Eu... encontrei você na beira do rio, desmaiada, então te trouxe para cá e te dei uma infusão de ervas para fortalecer seu organismo.

— Obrigada por cuidar de mim, Pietra. — Ainda muito fraca, a náíade recostou a cabeça no ombro da centauride e fechou os olhos novamente

— Como é seu nome?

— Amethyst. — A resposta chegou em um breve sussurro, antes da criatura adormecer novamente.

Sorrindo, Pietra pensou que o nome combinava muito com a cor de seus olhos.

Enrubescida e sem nem entender por que, ela a deitou novamente na grama. Concluiu que seria melhor levá-la até a tribo, onde estariam mais protegidas e onde ela ficaria mais confortável.

Colocou a bolsa da náíade no ombro e a pegou no colo delicadamente. Voltou pelo caminho que tinha seguido anteriormente, mas dessa vez procurou um lugar no rio onde a profundidade lhe permitisse carregá-la sem problemas. Encontrou a trilha que a enganara pela manhã, e rumou vagarosamente durante todo o trajeto, pois não queria chacoalhar muito sua protegida.

Amethyst abriu os olhos algumas vezes durante o percurso, mas parecia ainda não ter forças para permanecer acordada. Ela apenas encarava Pietra e, sem dizer nada, se encolhia em seu peito e adormecia novamente. E toda vez que isso acontecia, borboletas dançavam no estômago da centauride.

Chegando na tribo, vários centauros a cercaram, preocupados com seu sumiço. Ela apenas pediu espaço, dizendo que tinha resgatado a ninfa e que ela estava muito fraca. Solicitou que fizessem uma cama confortável para ela em

sua cabana, e que as curandeiras fossem até lá assim que possível.

Feita a cama, Pietra a colocou nela cuidadosamente e a cobriu com uma de suas pesadas cobertas. As curandeiras a examinaram, mas não encontraram vestígios de nenhuma doença, somente cansaço e... tristeza.

— Mas como pode ser? — questionou Pietra.

— Somente ela poderia lhe explicar... Mas sinto uma tristeza muito profunda em seu âmago — respondeu Carissa, uma das curandeiras mais antigas e sábias da tribo.

— Será que é isso que a está deixando doente?

— Me parece que sim. Essa tristeza entranhada em seu coração está lhe tomando a vitalidade. Dê a ela essa mistura que estamos preparando, e creio que logo ela irá acordar. Sinto que ela vai precisar de você para concluir o que quer que precise fazer.

Pietra agradeceu quando as anciãs saíram de sua cabana, deixando a infusão que daria forças à náiade. Ela a levantou delicadamente e colocou a cuia em seus lábios, fazendo com que ela bebesse tudo, até a última gota.

Naquela noite, Pietra ficou ao lado da cama improvisada de sua protegida, com o tronco apoiado sobre a palha, e dormiu tranquilamente, um sono sem sonhos e sem inquietações. Acordou com os primeiros raios de sol adentrando sua cabana, e a primeira reação foi olhar para a cama, encontrando Amethyst acordada, deitada de lado e a encarando.

— Oi! Você está acordada há muito tempo? Como se sente? — questionou a centauride, um tanto desconcertada.

A ninfa sorriu.

— Não sei há quanto tempo acordei, mas estava observando você dormir. Por que me salvou?

— Eu... Ora, você não ajudaria alguém desmaiado no rio? — perguntou Pietra, tentando disfarçar.

— Por que eu sinto que te conheço?

A centauride corou violentamente, lembrando que ela já a conhecia por ter ficado observando-a no rio na noite anterior. Levantou e foi pegar água em uma vasilha para tentar disfarçar.

— Não sei... Mas o que aconteceu com você?

O sorriso sumiu do rosto da ninfa e ela se sentou na cama.

— Eu estou doente. Saí em busca do que me curaria há alguns dias, mas acabei desmaiando, pois estou fraca. — Ela se levantou, caminhou até parar ao lado da centauride e lhe pediu água.

— Mas o que você tem? Qual é a cura?

— Na verdade, ninguém sabe direito... O lago começou a morrer, os peixes começaram a aparecer boiando, as algas murcharam... — A náíade se sentou novamente, com a cuia de água nas mãos. — Existe uma tristeza em meu peito que ninguém sabe de onde vem. As curandeiras não sabem como tirar, as ervas não fazem efeito. Eu poderia facilmente aceitar meu destino e definir até morrer, mas não consigo aceitar que minha morte mate também meu lago. — Ela secou uma lágrima que escorria vagorosamente por seu delicado rosto.

Pietra não sabia o que dizer e, sem reação, apenas deitou na frente da cama. A ninfa poderia morrer? Não havia nada que pudessem fazer? Algo dentro dela gritava que não podia deixar isso acontecer, que precisava intervir de alguma forma.

— Mas você... Não há nada que possamos fazer?

— Minha única esperança é a profecia.

— Profecia?

— Sim. Meu povo possui algumas profetisas, e uma delas acabou tecendo uma sobre meu caso... Ela diz que o que eu preciso está fora da água, e que eu devo procurar minhas raízes na terra. Deduzimos que se trata de alguma planta que talvez possa me curar, mas não temos certeza. E eu nem sei o que procurar, na verdade... Saí de meu lar em busca de meus pressentimentos, seguindo minha intuição... E encontrei você. Eu sinto que preciso da sua ajuda.

— E eu pressinto que preciso te ajudar também, não sei por quê... Desde a primeira vez que te vi, sinto como se estivéssemos...

— Ligadas?

Elas se encararam em silêncio por alguns segundos que pareceram mais longos do que de fato foram.

— Isso... Ligadas — concluiu Pietra, sorrindo timidamente.

— Eu sei que acabamos de nos conhecer... Mas você poderia me ajudar na minha busca? — perguntou Amethyst.

— É claro! Ajudarei no que puder.

— Obrigada! — A ninfa se levantou e abraçou Pietra. Com a centauride deitada, Amethyst ficava quase da sua altura. — Seu corpo é tão quente — sussurrou, ainda abraçada a ela.

Pietra enrubesceu, mas retribuiu o abraço. Depois, pediu licença à náíade para que pudesse comunicar à sua tribo que se ausentaria por alguns dias. Alguns foram contra, principalmente pelo fato de que ela agora era a líder deles, mas ela não mudaria de ideia.

Voltou para sua cabana para juntar alguns pertences e encontrou Ame-

thyst com um vestido lilás que lhe descia solto até os joelhos. Se perguntou como não havia pensado que poderia haver uma muda de roupas na bolsa da ninfa, mas deu de ombros.

Juntaram algumas frutas para levar, Pietra pegou sua espada, o arco e a aljava com flechas e partiram antes que o sol estivesse alto no céu.

No início da caminhada não falaram muito. Nenhuma das duas parecia saber que assunto puxar. À noite, depois que Pietra havia caçado um animal que lhes serviria de jantar, montaram um pequeno acampamento próximo ao leito do rio, com fogueira e folhas que lhes serviriam de cama. Aos poucos começaram a se sentir à vontade na presença uma da outra.

— Você é ótima com o arco — comentou Amethyst enquanto observava a outra assar o bicho, já sem pelos e pele.

— Obrigada. Sei manejá-lo desde pequena.

— Aprendeu sozinha?

— A atirar, sim... Queria que eu aprendesse apenas a usar uma espada, mas eu sempre amei o arco.

— Você tem postura para o arco. Parece que nasceu para isso.

— Acho que sim. Minha vontade era continuar apenas como a caçadora do meu bando por mais alguns anos, mas não foi possível.

— Por quê?

— Meu pai morreu em uma batalha sem sentido que travamos há algumas semanas... Ele era nosso líder, e agora cabe a mim continuar seu trabalho.

— Eu sinto muito.

— Tudo bem. No fim, nada do que eu sinto vai fazer diferença. Meu destino está traçado.

Amethyst a encarou por alguns segundos. A tristeza que a tomava não impedia que ela sentisse a tristeza que se abatia sobre a centauride também. Os corações das duas possuíam rachaduras.

— Você se sente sozinha — concluiu.

Pietra olhou em seus olhos, vendo que ela a entendia.

— Sim. Não disse isso a ninguém, mas é como me sinto. E ser obrigada a me casar apenas para continuar minha linhagem não me parece uma forma muito boa de aplacar esse sentimento.

A náiaide suspirou. Levantou-se, caminhou lentamente para o outro lado da fogueira e sentou-se ao lado da companheira.

— Meu irmão morreu há alguns meses. Ele era meu último elo familiar... Náiaides costumam ser muito unidos, mas nada aplaca a dor que sinto. Me isolei em meu pedaço do lago, em meu lar. E assim permaneci, quase em

hibernação, até sentir minha pele descamando. Não me importei com o que estava acontecendo comigo, mas quando olhei ao redor, vi meu lago, antes cristalino, turvo e sem vida. A maioria dos peixes e criaturas que ali viviam havia partido, e as que ficaram estavam mortas. O lodo corria no fundo e eu entrei em desespero. Corri até as curandeiras, que averiguaram toda a água e nada conseguiram fazer para amenizar o que eu causei. Como se não bastasse matar meu próprio lar, vimos que a morte estava se alastrando para outras áreas com a correnteza. Foi então que a profetisa me deu algo para buscar. *“Nada acharás enquanto buscares apenas em teu lar. O que procuras não se encontra nas águas. Tua cura tem raízes na terra.”* — entoou, os olhos marejados pelas lembranças.

— Eu sinto muito, Amethyst.

— Pode me chamar de Ameth. Sabe, desde o primeiro momento em que te vi, sinto que temos uma ligação. Você está me ajudando a procurar o que preciso para curar a mim e a meu lago, e quem sabe essa jornada não fará com que você também encontre o que precisa?

Pietra pensou um pouco sobre aquilo. Sentia algo diferente perto da ninfa, mas não sabia ao certo o que era. Suspirou, entregando metade do animal que assava para ela.

— Não sei como, mas sinto que essa empreitada vai acabar ajudando a nós duas. Você não sabe ao certo o que procurar, não é?

— Não... Deduzimos somente que se trata de algum tipo de planta, já que a profecia diz que minha cura tem raízes na terra. Mas eu sinto que estou no caminho certo, principalmente agora. — Ela mordiscou o animal sem dar muita atenção, parecendo se lembrar de algo. — Ontem à noite eu saí do lago para olhar a lua. Ela estava tão linda quanto hoje, cheia e brilhante. Ali, naquele momento, eu senti que tudo se encaminharia para dar certo. Senti que vou conseguir encontrar o que procuro e que vou salvar meu lago e o restante do rio.

Pietra a encarou, encantada com sua convicção e lembrando-se da visão da náíade sob a luz da lua.

— Eu vi você — disse de repente, antes que perdesse a coragem.

— Você me viu?

— Sim. Na noite passada eu não estava conseguindo dormir. Saí de minha cabana e subi a montanha para apreciar a lua e pensar, assim como você. E foi quando eu te vi, na beira do lago, olhando para a lua.

Amethyst a encarou, afoita.

— Pietra, está tudo interligado. Nós estamos interligadas. É como se o universo quisesse que nos conhecêssemos. Há meses eu não sentia tanta esperança como estou sentindo agora! — disse, segurando a mão da centauride, que

a apertou em resposta.

— Vamos conseguir, Ameth. Tenho certeza.

Elas terminaram a refeição e conversaram por mais alguns minutos, até Amethyst recostar no dorso da centauride e adormecer quase instantaneamente. Pietra olhou para ela e não pode deixar de sorrir. Cobriu-a com uma das mantas que levava e ficou alguns minutos observando a lua e pensando, até que adormeceu também.

No dia seguinte, acordaram com o sol despontando no horizonte. A ninfa se esticou e caminhou lentamente até o rio, onde sentou em uma pedra, com os pés na água. Olhou para trás e gastou alguns segundos observando Pietra, que ainda não havia levantado.

Alguns raios de sol entravam timidamente na floresta por entre os galhos das árvores, iluminando a centauride. Seus cabelos arroxeados reluziam e tremulavam com a brisa e ela tinha uma expressão suave de quem ainda não despertou direito.

Um sentimento diferente invadiu o coração da náíade, quase como se seu peito estivesse quente. O que era aquilo que ela de repente sentia por Pietra? Por que confiara nela tão rápido? Por que sentia, no fundo da alma, que sua jornada precisava ser com ela? Não conseguia aquietar as perguntas, mas ao mesmo tempo sabia que logo as respostas viriam.

Ainda observando-a, viu a pulseira em seu pulso e lembrou-se que logo a centauride teria que se casar. Imediatamente uma mão invisível esmagou seu peito e sentiu vontade de chorar, mas não o fez. Era só mais um tormento com o qual tinha que conviver agora.

Levantou-se para voltar à clareira para partirem quando sentiu algo se prender a seu pé na água, por pouco não a fazendo cair. A claridade ainda estava chegando naquela parte da floresta, então demorou alguns segundos para entender o que era. Enquanto analisava, algo parecido com um tentáculo saiu da água e grudou em seu tornozelo. Em um lampejo ela viu, mas não conseguiu reconhecer o que era aquilo. A pequena criatura era negra e viscosa; lembrava um polvo, mas feito de algas mortas e podres.

Assustada, porém querendo entender, Amethyst se abaixou para tentar tocá-lo, e foi quando ele abriu uma boca horrenda, cheia de pequenos dentes podres e afiados. Caindo para trás, a náíade gritou e tentou empurrá-lo, enquanto ele tentava desesperadamente morder sua perna. Em segundos Pietra estava a seu lado, golpeando a pequena criatura com a espada.

— Mas o que é isso? — perguntou, assustada.

— Eu... eu não sei... Ele surgiu na água e me atacou. Eu nunca vi algo

assim. — Amethyst se levantou com a ajuda da companheira e olhou para a água, agora iluminada pelo sol, calando-se imediatamente.

Pietra acompanhou seu olhar e o que viu também a chocou.

A água no centro do rio estava enegrecida, como se uma substância lodosa estivesse sendo levada com a correnteza. Vez ou outra, uma daquelas criaturinhas horripilantes pulava para fora e voltava a submergir, e algumas outras podiam ser vistas no fundo, como se andassem na mesma direção que o lodo.

De súbito, Amethyst se sentiu fraca e cambaleou para trás, sendo amparada pela centauride. Ela virou de costas para a água, abraçando Pietra e chorando copiosamente.

— Oh, minha deusa. Por que permitiu que eu fizesse isso com o rio? — perguntava entre os soluços, desolada.

— Você não... Isso não é culpa sua, Ameth... — Pietra a abraçava forte, tentando consolá-la de alguma forma.

— É claro que é. Eu estou matando meu rio. Eu quis morrer e matei meu lago. Eu matei várias criaturas, Pietra. Eu não mereço viver! — Em um rompante, Amethyst se soltou do abraço e avançou para o rio, indo em direção às criaturas carnívoras.

Pietra a segurou pelo braço e a puxou, abraçando-a por trás com força.

— Não faça isso! — pediu, o rosto afundado nos cabelos azuis da ninfa e as lágrimas se perdendo no meio dos fios. — Eu sei que sua vida está sendo difícil, sei que você tem passado por perdas irreparáveis e que isso machuca. Eu nem imagino qual é a profundidade da sua dor, mas me deixa ajudar, Amethyst. Vamos concluir sua busca juntas, vamos achar essa planta, as raízes de que você precisa para curar seu lago, para se curar. Eu iria até o fim de Aran para te acompanhar, e depois voltaríamos juntas e comemoraríamos, pois vencemos a morte, pois ela não foi páreo para nossa união. Mas por favor, Ameth... não encerre isso dessa forma. Não desista quando ainda temos um longo caminho a trilhar.

Ainda chorando e segurando os braços da centauride, Amethyst parou de fazer força para ir ao rio. Movendo-se ainda dentro de seu abraço, ela se virou e a abraçou também, recostando a cabeça em seu peito.

— Obrigada... Eu não sei o que deu em mim, apenas sinto que não consigo mais viver com tanta dor...

— Eu sei... Mas eu vou te ajudar, Ameth. Você não está sozinha.

Amethyst se afastou um pouco e a encarou, ainda chorando, mas sorrindo, com toda a verdade que existia em seu coração.

Sem dizer mais nada, Pietra segurou sua mão com delicadeza e retornaram ao acampamento, onde pegaram seus pertences e seguiram para a trilha.

Foram dias de buscas, incertezas e insegurança, procurando algo que não sabiam ao certo o que era, guiadas apenas pelas intuições da ninfa. A partir do primeiro dia e do primeiro percalço, náíade e centauride se tornaram grandes amigas, partilhando desde conversas rotineiras a desabafos profundos, rindo e chorando, uma sempre segurando a mão da outra.

Amethyst descobrira, sem querer, que nas noites em que sua companheira sofria com insônias inquietantes, bastava cantar por alguns minutos que ela logo adormecia. Pietra, por sua vez, percebera que a náíade se acalmava e relaxava quando recebia cafunés na cabeça e quando ela mexia em seus cabelos, penteando-os demoradamente.

Quando a ninfa se sentia enfraquecida, Pietra deixava que ela subisse em suas costas para que continuassem procurando as tais raízes. Amethyst às vezes adormecia abraçada a ela, e a centauride se enchia de um sentimento que não conseguia mais dar outro nome diferente de amor.

Naqueles momentos nada mais importava. Elas eram os dias de sol uma da outra, em meio a tempos tão tempestuosos.

E foi em um desses calmos momentos, em que Pietra caminhava lentamente para não acordá-la, que chegou a uma clareira enorme, cheia de flores das mais variadas cores. Borboletas rosas, amarelas e azuis voavam graciosamente, dançando umas com as outras ou pousando em alguma flor que dançava vagarosamente ao sabor do vento. Raios de sol invadiam a campina, deixando tudo com uma aura etérea.

A centauride caminhou até o que parecia ser o centro da clareira e beijou delicadamente as mãos da ninfa que repousavam em seus ombros, acordando-a.

Sonolenta, Amethyst abriu os olhos, ficando imediatamente impressionada com toda a beleza que as cercava.

Decidiram parar por aquele dia para aproveitar o lugar. Pegaram algumas frutas nos arredores, arranjaram um local confortável e se deitaram na grama.

Em algum momento entre uma conversa e outra, Amethyst, que ainda estava fraca, recostou em Pietra e acabou adormecendo. Após alguns minutos só a observando e acariciando seu rosto, a centauride pegou um raminho de lavanda e o prendeu delicadamente em seus cabelos. A ninfa então abriu os olhos e a encarou, sorrindo ternamente.

— Pietra... Eu amo você — disse calmamente, segurando a mão que lhe

acariciava.

A centauride sorriu, e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Eu também amo você, Ameth. Desde o momento em que a vi sob a lua, no rio.

Amethyst se levantou e abraçou Pietra com força, recostando a cabeça da amada em seu peito e beijando sua testa.

— Você trouxe luz para os meus dias mais escuros, Pietra. Você me estendeu a mão, me deu colo e me encheu de uma calma que há tempos meu coração não sentia. Eu não sabia que precisava tanto de você na minha vida até te ter comigo. E agora, graças a você e a seu amor, eu não quero mais desistir. Agora eu não me importo somente com a vida do meu lago, mas me importo com a minha vida também... Se para dividir essa vida com você.

Pietra a encarou, e ambas choravam.

— Eu quero o mesmo, Ameth. Quero você do meu lado, pra dividirmos nossas alegrias e tristezas, para cuidarmos uma da outra e para sermos parceiras, como nascemos para ser. Eu havia perdido o rumo da minha vida nos últimos meses, mas você me fez enxergar o caminho para continuar, me deu forças para fazer o que preciso pelo meu povo, pois sei que não estarei mais sozinha se tiver você comigo.

Amethyst cuidadosamente secou as lágrimas que escorriam dos olhos escuros de Pietra e, enchendo-se de uma certeza e de uma vontade quase palpáveis, aproximou-se lentamente e a beijou.

O beijo, que começou tímido e calmo, logo se tornou uma torrente de sensações e vontades, como a água de um rio bravio que ultrapassa suas próprias margens. Terminaram-no rindo, como duas bobas apaixonadas.

Encaravam-se, quando ouviram um zumbido se aproximar.

Instintivamente Pietra segurou sua espada, mas logo viram que era apenas uma fada de asinhas coloridas que voava até elas.

— Ameth! — gritou ao longe. — Pela deusa, finalmente encontrei você.

— Que estranho... — sussurrou Amethyst para Pietra, e em seguida gritou para que a outra a ouvisse. — Effie! O que faz aqui?

— Estamos te procurando há três dias! As náiades estão desesperadas atrás de você. Eu não sei ao certo o que aconteceu, mas você precisa voltar agora para seu lago.

— Oh, não... Será que a morte se espalhou? Nós ainda nem encontramos a planta da profecia!

— Partiremos agora mesmo, não há tempo a perder.

Amethyst subiu no dorso de Pietra e segurou com força sua cintura,

pois sabia que a centauride iria galopar com toda a velocidade que conseguisse. Se despediram da fada e partiram, correndo por florestas, campinas e cidades por dois dias quase sem nenhuma pausa.

Chegaram até o lago e, para a surpresa das duas, ele estava límpido e cheio de vida, com peixes, algas de cores vívidas e diversas outras criaturas que nadavam ou bebiam de suas águas.

Várias náiades saíram do lago quando as viram e correram para abraçá-las e felicitá-las. Mas assim que a algazarra diminuiu, Amethyst se fez ouvir entre as irmãs.

— Eu não entendo... Nós não achamos o que era preciso, então o que fez o lago voltar a vida?

Elora, a profetisa, surgiu na pequena roda que se formara e a abraçou.

— Ora, minha querida. Mas é claro que vocês acharam. Sua busca não foi por algo palpável, como uma planta. Sua busca foi por amor.

Amethyst encarou Pietra, os olhos cheios de lágrimas pela percepção dos fatos.

— É claro... *"Tua cura tem raízes na terra"*. Era você, Pietra. O que eu buscava era você, e esse tempo todo você esteve ao meu lado. Você é a minha cura e a salvação do meu lago.

Elas se abraçaram e se beijaram docemente, emocionadas por finalmente compreenderem que a busca havia terminado quase no instante em que havia começado.



Bruny é do tipo que ama uma comédia romântica. Melhores amigos que se apaixonam, inimigos que se apaixonam, pessoas que fingem ser namorados e se apaixonam... Quanto mais clichê, melhor! E é claro que ela vai chorar no final, pois romances a enchem de um encantamento ímpar. Seu fim de tarde perfeito é em uma cafeteria, lendo um bom livro com uma doce história de amor, e ouvindo uma música bem romântica, que ela provavelmente vai mandar pro crush depois.



## Maçã do Amor

### Ingredientes

- 8 maçãs pequenas
- 2 xícaras de açúcar cristal
- ½ colher de chá de vinagre
- ½ xícara de água
- ½ colher de chá de corante vermelho
- Palitos de pirulito ou sorvete
- Papel manteiga



### Modo de preparo

- Forre uma bandeja ou assadeira com papel manteiga.
- Lave as maçãs e retire os cabinhos. Enfie um palito de pirulito ou sorvete no topo de cada maçã.
- Em um recipiente de tamanho médio, misture a água, o açúcar e o vinagre.
- Ferva a mistura e use um pincel molhado para limpar o açúcar que acumula na borda (não mexa na mistura fervente). Depois que a mistura estiver fervendo, cozinhe por 20 minutos ou até atingir o estágio de bala e fique de olho para não queimar.
- Faça um teste e despeje uma pequena colherada da mistura em um recipiente com água fria. Se a mistura endurecer instantaneamente e quebrar quando você tocar, está no ponto.
- Acrescente o corante à mistura e misture até que a cor fique uniforme.
- Tire a panela do fogo e espere a mistura parar de borbulhar.
- Mergulhe as maçãs na panela levemente inclinada. Deixe as maçãs escorrerem.
- Coloque na bandeja ou assadeira para esfriar e endurecer.

# Páginas Molhadas

Autoria: Tatiane Lucheis | Edição: Luísa Scheid & Ana Faria Ferrari | Revisão: Thais Rocha

Tirei o caderno da mochila, colocando-o em cima do livro de anatomia. Comecei a anotar a letra da música que ouvira mais cedo e não saía da minha cabeça, escolhi uma caneta colorida e me concentrei em treinar a caligrafia. Esse caderninho me acompanhava a todos os lugares, desde o início da faculdade: eu anotava citações, trechos de música e pensamentos que me ocorriam. Folheei, orgulhosa, antes de fechá-lo. Àquela altura, a aula era um mero barulho de fundo em minha mente.

Assim que a professora encerrou, dispensando a turma, guardei o material na mochila e fiquei para trás, esperando para falar com ela. Após alguns minutos de conversa, consegui boas dicas de referências para o TCC e alguma luz sobre como escrever os próximos parágrafos. Até cogitei passar na biblioteca, mas desisti assim que saí do prédio e vi o temporal que se armava. Apesar do horário, parecia já ter anoitecido, de tão escuro que o céu estava. O vento já dava sinais claros de que a tempestade estava próxima e de que seria violenta. Era melhor ir para casa logo.

*Que ótimo, além de pegar o metrô lotado, estaria cheio de gente molhada!* Olhei no relógio, antes de tirar a mochila das costas para pegar o guarda-chuva, tateei até o fundo sem encontrá-lo, então parei para me apoiar em um banco e procurar direito, mas não havia nada ali. Talvez Bruna ou Mari tivessem pegado emprestado, ou eu mesma tivesse esquecido de voltá-lo para a mochila desde o último uso.

Aceitei minha sentença, fechando o zíper, irritada, e joguei as alças nos ombros novamente, apertando o passo. Mal comecei a descer a rua e já senti o primeiro pingo caindo em meu braço, acelerei mais, mas não adiantava competir com a chuva: ela sempre vencia. Os pingos continuaram a cair até que perdi a conta sobre eles. Senti que engrossavam, até se misturarem em uma forte torrente.

Em segundos minha roupa passou de úmida para encharcada, meu cabelo se desfez e eu sabia que a mochila não podia estar em melhores condições. Gemi, pensando nos livros que estavam ali. Sentia meus pés nadando dentro dos tênis e não havia sensação pior do que sentir as meias molhadas grudando na pele.

Parei, desistindo de caminhar as quatro quadras restantes até a estação e estacionei embaixo do toldo de uma loja. Já havia um rapaz parado ali, encolhido, fugindo da chuva, assim como eu. Ele sorriu e eu retribuí, cúmplice, por ter tido a mesma ideia. Apoiei a mochila no chão, tentando protegê-la também, e peguei o celular no bolso para dar uma olhada em mim mesma pelo reflexo da tela. Tive um pequeno ataque de pânico ao perceber que o aparelho estava molhado em meu bolso, mas, por sorte, ainda estava ligado.

— Tudo bem por aí? — perguntou meu companheiro de toldo.

— Tudo, acho que sim. Meu celular está todo molhado, obviamente, mas parece estar funcionando. Só que não tenho sinal.

— Eu também não — disse, pegando o próprio aparelho e encarando a tela.

— Chuva faz mesmo o maior estrago nessa cidade, né? — comentei, olhando para a rua a nossa frente.

— Nem me fale — disse ele, revirando os olhos. — Era exatamente assim que eu imaginava passar minha sexta-feira à noite. Sou Diego, aliás. — Estendeu a mão.

— Gisele — respondi, retribuindo o cumprimento.

— Saindo da aula?

— Sim... — respondi, ainda olhando para o celular.

— Qual curso você faz?

— Fisioterapia, estou quase acabando, nono período.

— Minha veterana! Estou no sétimo período de Farmácia.

Sorri, em resposta. Aproveitei para espiá-lo por um momento. Diego era mais alto que eu, seus cabelos eram castanhos e estavam bagunçados e pingando água, assim como os meus. Se eu estava à sua frente na faculdade, ele deveria ser mais novo. O *piercing* em seu nariz revelava mesmo alguns resquícios da adolescência. Preferia tê-lo conhecido em qualquer outro momento, quando minha maquiagem não estivesse derretendo no rosto e a roupa toda torta, grudada no corpo. Senti minhas bochechas corarem e desviei o olhar novamente.

— Consegui sinal! — comemorei, entrando no aplicativo para pedir um carro.

Vi que ele se concentrou em fazer o mesmo. E, então, esperamos. Minha corrida foi cancelada duas vezes, haviam poucos carros na rua para tanta procura, a tarifa estava lá em cima, inversamente proporcional à qualidade do serviço naquelas condições. Sentia a pele arrepiada devido à roupa molhada que pesava em meu corpo.

— Meu carro entrou na rua, agora é só esperar que ele consiga chegar até aqui, com esse trânsito, deve demorar um pouco. Teve sorte?

— Ainda não, cancelaram de novo — resmunguei. — Acho que os motoristas que ainda não caíram no engarrafamento, não estão com pressa para entrar nele.

— Que droga. Quer pegar o meu? A gente explica para o motorista, depois eu chamo outro.

— Não precisa se preocupar — respondi, sorrindo.

— Pra onde você vai? Talvez possamos dividir. Eu estou indo pra zona leste.

— Eu também.

— Então, fechou. Olha ele ali, o vermelho, com a seta ligada, vem!

Ele estendeu a mão e, antes que pudesse refletir a respeito, aceitei, segurando-o firme. Começamos a correr na chuva até o meio-fio, onde o carro nos aguardava. Ele abriu a porta, me dando passagem para entrar primeiro. Escorreguei pelo banco para que ele pudesse entrar em seguida. Dentro do carro, o barulho da chuva ficou mais ameno e a temperatura mais agradável.

Diego cumprimentou o motorista, disse que me daria uma carona e então eu lhe passei meu endereço para combinarmos a parada. Eu desceria antes. Acomodamo-nos no banco traseiro e ele me olhou, sorrindo. Passou a mão nos cabelos e brincou, dizendo que morando em São Paulo devia se acostumar a andar com uma toalha na bolsa, e não um guarda-chuva. De repente, percebi que minha roupa estava extremamente colada ao corpo e a camiseta branca que eu vestia, apesar da estampa, estava um tanto quanto transparente. Apertei a mochila em meu colo, me cobrindo, e abri o bolso externo, de onde tirei um pequeno espelho para conferir o estrago em meu cabelo. Fiz um rabo de cavalo improvisado com um elástico, apenas para conter os fios mais rebeldes.

Passados mais de cinco minutos, parecíamos parados no mesmo lugar. Ainda conseguíamos avistar a loja que nos abrigara mais cedo e o semáforo refletia sua luz vermelha bem a nossa frente. Diego que, aparentemente, não lidava bem com silêncio, começou a puxar assunto.

— Sabe, em dias assim, eu adoro fazer uma maratona de séries. Episódio atrás de episódio com intervalos apenas para fazer assaltos à geladeira: refrigerante, pipoca, chocolate.

— Hum, faz tempo que eu não faço uma! — Ri. — Não vejo a hora de entregar meu trabalho de conclusão, essas serão as férias mais aguardadas da minha vida — brinquei.

— Eu gosto de dormir com o barulho da chuva — Alberto, o motorista, disse, entrando na conversa.

Logo estávamos os três discutindo o que mais gostávamos de fazer em dias de chuva e o tipo de clima ideal para cada atividade. Alberto e eu éramos fãs de inverno, mas Diego preferia o verão.

Aos poucos, a chuva diminuiu até parar, mas não podíamos dizer o mesmo sobre o trânsito. Já era oficialmente noite, então o céu continuava escuro.

— Acho que não vamos chegar hoje — Diego disse, olhando através da janela embaçada.

— Na verdade, já estamos bem perto da minha casa. Posso até descer e seguir caminhando, assim vocês já seguem viagem. Diego, como faço para te pagar pela corrida?

— Nem pense nisso, carona é carona! E fica tranquila, a gente te leva até em casa, uns minutos a mais não farão diferença.

Fomos interrompidos por um som brusco de batida lá fora. Dois carros, pouco à frente na via, haviam colidido.

— Droga! É, talvez não possamos sair daqui nunca mais — disse, apoiando minha testa no vidro para tentar enxergar o que se passava do lado de fora.

Alberto começou a descrever a batida e a briga entre os motoristas, tal como um narrador de futebol.

— Quão perto de casa você está? Talvez realmente chegue mais rápido caminhando.

— Quer vir comigo? — perguntei. — Você pode esperar por lá até as coisas se acalmarem e vai embora mais tarde.

Ele pareceu hesitar, e então aceitou. Arrependi-me quase instantaneamente, afinal não nos conhecíamos, mas o convite já estava feito. Despedimo-nos de Alberto e descemos. Caminhamos até o prédio, subimos até o nono andar e, finalmente, fui invadida com a visão familiar de minha sala de estar.

Tiramos nossos sapatos encharcados e indiquei-lhe o caminho até o banheiro. Peguei uma toalha para levar até lá, mas ele estava saindo pela porta e esbarramos no batente, ficando mais próximos do que o aceitável. Eu podia sentir sua respiração próxima à minha. Estendi a toalha em sua direção, dando um passo para trás. Ele voltou para o banheiro, fechando a porta. Enquanto isso, fui até meu quarto para trocar de roupa. Tirei a calça jeans molhada e instantaneamente me senti alguns quilos mais leve, me sequei e vesti outra calça e blusa mais confortáveis. Coloquei um tênis e peguei minhas pantufas

para emprestar a ele. Fui até o outro banheiro, lavei meu rosto para tirar os resquícios de maquiagem que a chuva não havia levado e penteei o cabelo, fazendo um coque no topo da cabeça.

Agora sim me sentia confortável, mas meu coração ainda estava ligeiramente acelerado. Tentei me distrair do fato de que havia um garoto muito bonito no cômodo ao lado — *sim, eu havia reparado*. Torci para que ele não fosse nenhum tipo de psicopata, e então me dei conta de que um estudante de Farmácia devia ter amplo conhecimento de substâncias químicas, mas esse pensamento só piorou as coisas. Por segurança, enviei uma mensagem para as garotas que moravam comigo e avisei que estava com alguém em casa.

Imediatamente recebi uma enxurrada de respostas, perguntas e emojis duvidosos. Ri, e enviei um áudio resumindo a história. Tentei falar o mais baixo que pude e saí do banheiro antes que Diego desse por minha falta.

Ele estava sentado na beira do sofá, parecendo tão desconfortável com a situação quanto eu. Ofereci-lhe as pantufas e segui para a cozinha, examinando rapidamente a geladeira e os armários, pensando no que deveria oferecer para uma visita, afinal eu não costumava receber ninguém ali. No fim, optei por um pacote de salgadinhos e duas cervejas. Ele sorriu ao me ver voltando para a sala e estendeu a mão para pegar uma das garrafas.

— E eu achando que passaria a noite sozinho no meu quarto — brincou.

Brindamos e ele tomou um longo gole.

— Já avisei meus pais que devo chegar tarde, e meu pai disse que pode vir me buscar, quando o trânsito melhorar. Depois você me passa o endereço de novo?

— Claro — concordei, virando a garrafa também.

— Quem mais mora aqui com você?

— Eu divido com duas amigas, lá da faculdade também. Eu não sou daqui, sou do interior, vim para São Paulo assim que passei no vestibular.

— Seu sotaque te denunciou mais cedo — ele disse piscando e me fazendo rir. — Acho muito legal isso, mudar de cidade para estudar. E não deve ser fácil. Eu que moro com meus pais mal tenho tempo para nada, imagina ter que cuidar de uma casa!

— Logo você se acostuma. Pra mim, o mais difícil são os finais de semana, se não tenho compromisso, a saudade de casa aperta.

— Seus pais devem sentir sua falta também.

— Acredito que sim, preciso trocar mensagens com minha mãe todos os dias, para ela saber que ainda estou viva. — Foi sincero, mas também uma

indireta para que ele soubesse que alguém sentiria minha falta.

— E seu namorado? — arriscou.

— Ficou por lá, assim que terminamos o ensino médio e eu decidi me mudar, ele disse que não queria um relacionamento à distância e nós terminamos.

— Sinto muito — ele disse, apesar de não parecer sentir absolutamente nada.

Pensei se deveria lhe devolver a pergunta ou não, mas demorei muito e de repente me pareceu que seria estranho perguntar. Afinal, pra que eu ia querer saber? *Ok, agora eu precisava descobrir.*

A conversa com ele fluía com naturalidade. Logo fui inundada com perguntas sobre minha cidade natal, meu antigo colégio e até sobre minha família. E ele contou um pouco sobre o estágio que fazia em uma indústria farmacêutica, a decisão pelo curso e seus planos futuros.

— E você, pensa em voltar quando acabar o curso ou veio para ficar?

— Promete que não conta para minha mãe? — brinquei.

Ele fez um sinal, dizendo que seus lábios estavam selados, me fazendo rir. Tomei um gole generoso de cerveja antes de continuar.

— Eu vim sem essa resposta, queria estudar e sabia que por aqui teria mais oportunidades. Ao mesmo tempo, sempre senti que aqui sou anônima, “apenas mais uma”. Já teve essa sensação? Mas a verdade é que a cada dia que passa sinto mais vontade de ficar.

— Só mais uma, você? Impossível!

Senti minhas bochechas corarem e desviei meu olhar para a janela, lá fora. A chuva havia recomeçado com força.

— De fato, pode ter boas oportunidades, e se você for construindo sua vida aqui, talvez não faça sentido voltar.

— Eu sei, mas também tenho uma vida lá, é o que torna tudo tão difícil.

— Bom, quando a solidão bater nos finais de semana, já sabe que pode me chamar.

Ri, bebendo mais um gole, evitando uma resposta. Em seguida, ele puxou o celular do bolso e pediu meu número. Trocamos contatos e senti um calorzinho no fundo do estômago de pensar que poderia vê-lo novamente.

Enquanto dividíamos o salgadinho, levantei e peguei a mochila que tinha deixado na entrada. Trouxe para perto do sofá e abri o zíper, para conferir o estrago. Todos os livros estavam úmidos e com as beiradas tortas, e eu sabia que precisaria usá-los assim pelo restante do ano, por sorte nenhum

deles era da biblioteca. Meu caderno também estava molhado, abri e senti vontade de chorar ao ver que algumas notas de rodapé haviam se desfeito, pois as páginas estavam se esfarelando. Era como se todo meu esforço para prestar atenção nas aulas e fazer anotações para revisar depois não tivessem valido de nada.

O mais dolorido foi encontrar o pequeno caderno de capa vermelha também com as páginas ensopadas. Era como ver uma parte minha perdida. Suas páginas estavam molhadas, com as folhas tortas e a tinta escorrendo pelo papel. Em uma atitude imatura, abracei o caderno contra o peito, despertando a curiosidade de Diego.

— O que é isso? Anotações para as provas?

— Antes fossem! Na verdade, é um caderno de anotações que sempre carrego comigo. Tem um pouco de tudo, sabe? Frases, citações, pensamentos... Mas é mais do que um apanhado de referências, é parte da minha história, desde que cheguei aqui em São Paulo.

— Talvez esteja na hora de começar uma nova.

Levantei a cabeça e nossos olhares se encontraram. Ele se aproximou, deslizando pelo sofá e colocou a mão em cima da minha, que ainda segurava o caderninho com força. Antes que eu pudesse responder, ele me beijou.

O som dos trovões lá fora foram a trilha sonora do resto de nossa noite.



Tatiane é a geminiana mais organizada que você pode conhecer, ama fazer listas, anotações e colar post-it's por aí. Enquanto espera sua carta de Hogwarts chegar, faz mil coisas ao mesmo tempo, difícil é ficar parada! Seu encontro perfeito é aquele que em uma tarde de outono, que começa no cinema e acaba em uma livraria.

# Carpe Noctem

Autoria: Luísa Scheid | Edição: Tatiane Luchéis | Revisão: Camila Paixão

Sinta o silvestre perfume  
De limão e alecrim  
Da montanha, no cume  
Onde a noite não tem fim

Venha cá, sem medo,  
Ver o para sempre chegar  
Vou realizar seu desejo  
De uma estrela tocar

Tão perto da tentação  
Pode já ter o prazer  
Feche os olhos à escuridão  
E não verá o sol nascer

Basta um singelo contato  
Para ter dos lábios o sabor  
Todo o sentimento será selado  
Em mistura de mel e calor

O doce sussurro do vento  
Diz em sua sedutora melodia:  
“Ainda nos sobra tempo,  
Aqui jamais chegará o dia!”



Luísa Scheid tem vinte e sete verões e mais cores que o arco-íris. Típica capricorniana, é teimosa, astuta e tem toda a desconfiança que uma advogada paulista precisa. Adora música e tem uma playlist para qualquer situação. Apaixonada por línguas, adora a musicalidade do espanhol e os palavrões do alemão. Quando não está escrevendo, está brincando de atuar seus musicais favoritos.

# Pedras Polidas

12

Autoria: Velani Diz | Edição: Luísa Scheid | Revisão: Camila Paixão

## Capítulo 1

Não esperava reconhecer o quarto do meu ex em uma carta do século passado, mas aconteceu. Eu deveria ter imaginado, porque ele *mora* no mesmo casarão em que sua bisavó permaneceu até a morte. A avó e o tio ainda ocupam o andar de baixo, enquanto Rafael ocupa o de cima. Por um tempo juntamos escovas de dente, então pude memorizar cada um daqueles desenhos nos azulejos portugueses, principalmente no fim, enquanto considerava se deveria abandoná-lo ou dar mais uma chance àquele amor.

Mas é só uma coincidência, não? Quais as chances? A carta é parte da minha monografia do curso de História: “Retratos em Missivas — Uma história do perfil sociológico de mulheres do século XX em São Paulo a partir de cartas retidas pelo Correio”. Foi um trabalho prazeroso, fácil até, arrisco dizer, até chegar na carta de 1928. Não me contenho e a leio novamente:

*“Meu amor,*

*Sinto que essa é a última vez que te escreverei. Marque a seriedade de minhas palavras.*

*Perdoa-me por não ter contestado nossa separação, nunca fui boa em enfrentamentos. Quando essa carta chegar, tu estarás a caminho do altar e não haverá mais chances para nós. Não porque não te quero, mas por que não estarei nesse mundo por muito tempo. Meu pai esconde dos vizinhos, porém o mal que venho sofrendo é, na realidade, febre terçã. Há muito não melhoro e creio que não superarei outro surto.*

*Se é impossível ficar junto de ti, beija-flor, rogo para que ao menos não te prendas em um matrimônio infeliz por dinheiro. Nos meus momentos aqui sozinha, arranjei um jeito de soltar aquele azulejo horrendo em que o braço do anjo parece estar saindo da boca e coloquei meu colar de safiras no vão. Quando me for, entra em casa e arranca-o de lá. É meu presente, uma pedra tão preciosa quanto tu.*

*Amo-te muito, beija-flor. Muito além de nunca esquecer teus lábios, não esquecerei como foste a única pessoa a me mostrar que amar de todo o coração é possível e maravilhoso.*

*Sempre sua,*

*Délia”*

O endereço do destinatário está ilegível e a carta possivelmente se perdeu após a morte da remetente. Estou enterrada na biblioteca há dias, tentando encontrar algum indício — não é possível que existam dois anjos com braços saindo da boca! —, porque a outra opção é pedir ajuda a Rafael. Mais uma vez.

Estou tão imersa que quase não sinto alguém se aproximar atrás de mim.

— Posso usar essa tomada? — Escuto uma voz conhecida, que me faz travar a mandíbula. Não me dou ao trabalho de olhar para trás.

— Não dá, senão perco o que estou fazendo — respondo, num tom baixo, para não atrapalhar as pessoas estudando. Não estou mentindo: a bateria arriada do meu computador não aguenta um segundo fora da tomada. Então Edgar para ao meu lado, me reconhecendo. Sei que está sorrindo sarcasticamente, sempre o faz. Não me digno a olhar de volta.

— Ah, então não posso escrever o meu artigo por que a senhorita quer ficar passeando no Google Maps.

— Tô procurando uma rua que mudou de nome. E seus artigos nunca são publicados mesmo, então, por favor... — digo, gesticulando para que se vá.

— Perdida, é? Por que não procura a monitoria de cartografia, hein? — ele provoca, porque *ele* é o monitor, mas não presto atenção. Tento não transparecer que ele me deu uma ótima ideia. Não a monitoria, claro, mas se eu conseguir que alguém do curso de Geografia me ajude... Me distraio o suficiente para não perceber que minha tela ficou preta e solto um grito antes de entender o que aconteceu. Edgar se senta ao meu lado, inabalado. Demora um tempo até que eu veja a tomada da minha fonte enfiada em um benjamin. — O que você fez?!

Estou chamando atenção demais para a biblioteca e várias cabeças se viram para nós.

— Se não consegue comprar um novo computador, Clara, use um da faculdade. É bem arriscado fazer trabalho em algo que pode simplesmente... desligar.

Estou tremendo, irritada demais para dar uma resposta. A faculdade não deveria ser uma competição, mas desde que fiz a matrícula, descobri que teria um rival.

*E essa é uma vitória temporária, Edgar Botelho.*

## Capítulo 2

Recuso-me a continuar do lado daquele ridículo. Entretanto, descubro porque Edgar fez questão daquele lugar: a biblioteca está cheia. Não é o melhor lugar para trabalhar, mas no São Mateus Bar e Lanches, na frente da faculdade, tem tomadas e comida, então decido ir para lá.

A caminho, percebo que estou sendo teimosa e decido finalmente mandar uma mensagem para Rafael. A tela preta do meu computador desligado só reforça o beco sem saída em que estou. Ele responde rápido, para a minha surpresa, e diz que tudo bem de nos encontrarmos logo antes da aula dele, às 20h. Não tenho opção senão esperá-lo. Conforme a noite vai caindo, o bar começa a lotar. Ninguém em sã consciência pega o trânsito desse horário, então quem ainda está pela faculdade, com certeza também vai se encontrar aqui. Desisto de estudar, por conta da dor de cabeça causada pela meia-luz, e estou guardando o notebook quando vejo Rafael se aproximar.

Ele não está de bom humor: o jeito que esfrega as mãos uma na outra denuncia. Quando ele me avista, não sorri, apenas assente. Eu o cumprimento e indico uma cadeira, mas ele recusa, com pressa, então vou direto ao ponto e explico toda a história.

— Mas tá dentro do painel?! — retruca Rafael e começo a pensar se não teria sido melhor ir para casa e deixar a conversa para outro dia, quando ele estivesse mais disposto.

— Uhum — titubeio. — Teria que soltar aquele azulejo, mas não acho que estragaria. É só termos cuidado e ...

— Nem pensar, Clara! É um painel de 1922 trazido direto de... — *Portugal, da Fábrica Viúva Lâmega, uma relíquia da história...* completo em minha cabeça enquanto ele fala. Já tivemos essa discussão antes, quando eu disse que não gostava de dormir com a Virgem Maria me olhando. — Não vou arriscar estragar algo assim por um *colarzinho*.

— É um colar de safiras! — Tento corrigir, não porque me importe com o valor, mas porque ele estava menosprezando.

— Mas que se dane! Você nem sabe se está lá! Não vai destruir minhas coisas por um boato! — ele vocifera. O sempre alto sertanejo do bar não é suficiente para impedir os vários olhares em nossa direção. Mas não é o tom

de Rafael que faz algumas bocas caírem, é o que ele diz: — Já me roubou uma vez, procura outro idiota pra dar o golpe.

— Eu nunca quis o seu dinheiro, Rafael. — Minha voz se torna estridente. — Te pedi ajuda pra pagar umas contas, mas se soubesse que ia ficar jogando isso na minha cara...

— Ei, o que tá acontecendo aqui? — Ouço a voz que me persegue.

— Não se envolve, Edgar — Rafael dispara.

— Não vou, se você calar a boca e deixar todo mundo aqui comer em paz. — Edgar dá um passo entre nós dois. Acho que gosta de arranjar problemas. Do outro lado do bar, vejo os garçons tensos, prontos para apartar a briga. — Você não tem aula, não?

Rafael encara Edgar por longos segundos antes de dar as costas e meu coração fica dolorido ao ver minhas chances saírem bar afora. Fico tão desconcertada que não lembro onde estava sentada. Fico apoiada na mesa de plástico, tentando não chorar.

— Você não parece bem. — O grupo de Edgar já partiu, mas ele fica para trás. Está sério, mas não parece hostil. — Ele te fez algo?

— Não — respondo, laconicamente. Ele me estuda, de cima a baixo.

— Ele é um babaca.

— Sim — digo. — Demorei muito tempo pra perceber isso, pode fazer graça.

Ele franze o cenho, como se a ideia de fazer uma piada sobre as minhas faculdades mentais fosse algo muito alienígena na mente dele.

— Ele é um salafrário, mas é bom em convencer pessoas... É isso que me tira do sério. — Então Edgar puxa uma cadeira e senta. Não vou expulsá-lo, por educação, mas aguentá-lo é a última coisa de que preciso agora. — Caramba, preciso tomar algo. Stella?

— O quê? — pergunto, confusa.

— Cerveja. Se não gosta pede outra coisa, é por minha conta. — Ele diz, quase revirando os olhos, enquanto procura o Seu Antônio para nos atender. Aparentemente, esse foi o jeito de Edgar me convidar para tomar uma bebida e, talvez por conta da surpresa, talvez porque eu também precise, assinto.

## Capítulo 3

Seu Antônio sempre tem um balde preparado e a bebida chega antes que eu consiga formular um comentário. Não tem problema. Edgar manda algumas mensagens sem parecer notar que estou na mesa. Quando ele enche as tulipas, agradeço baixinho, mas ele ignora e toma um gole maior do que eu esperava.

— Como você o conheceu? — Edgar pergunta.

— Eu? — Olho para ele confusa de novo. Está se tornando um hábito.

Quando não respondo, ele dispara:

— Sim, estou falando com você, com quem mais?

— Hum... Acho que foi numa festa de aniversário do meu irmão — hesito. Já não me lembro bem.

— Você tem irmãos?! — ele diz, surpreso.

— Tenho dois, qual o problema? — Fecho a cara.

— Não, nada! — Ele enche mais uma vez o copo e o esvazia em dois goles. — Não parece...

— E desde quando alguém parece ou não ter irmãos, Edgar? — respondo, ácida. Para minha tranquilidade, começamos a discutir de novo.

— É só que você é muito contida pra quem foi criada com garotos. — Ele joga as mãos pro alto.

— E garotas precisam ser expansivas por natureza? Que machista!

— Não é isso! — Ele resmunga. — É raro irmãs mais novas terem um comportamento tão controlado. Li em um estudo que os caçulas tendem a ser...

Edgar passa um tempo considerável construindo um fundamento científico e quando percebe que está se explicando para mim, fecha a cara e finge estar muito preocupado em pedir outro balde de cerveja. Dou meu golpe final:

— Terminou? Eu não sou a irmã mais nova, Edgar. Você não sabe nada sobre mim...

Ele para e se vira. Acho que está um pouco tonto, mas seu olhar me penetra. Não parece bravo, mas desafiado.

— Então me ilumine com a sua história, madame — ele devolve. — Pra começar, por que essa carta é tão importante pra você?

Edgar é a última pessoa para quem quero me abrir, mas, talvez por cau-

sa da cerveja, desabafo.

— Porque a professora Joana vai estar na minha banca e ela detesta minha orientadora e o meu tema, e acha que minhas conclusões podem não ser relevantes. Descobrir a real história por trás desse colar seria sensacional.

— Não, não ia, sua conclusão ia continuar uma bosta, mas com um colar — cospe Edgar. Ele sempre foi uma pedra no meu caminho, então é apropriado que seja bruto e rústico. — Por que você chamou ela, se a mulher é horrível?

— Porque o Rafael roubou a professora que eu queria, na única data que ela tinha antes de sair de licença maternidade.

— Ele o quê? — Edgar arregala os olhos, realmente prestando atenção. Não estaria mais surpreso nem se eu tivesse dito que Rafael matou alguém.

— Ele faz uma pesquisa similar à minha. Quando a gente terminou, ele convenceu a professora Yolanda que precisava dela. A minha orientadora não conseguia remarcar, então tive que aceitar. Sinceramente a Professora Joana até seria melhor para a pesquisa dele, mas foi uma retaliação...

— Não acredito! Que filho da puta! — ele diz, mais alto do que o necessário. — Prejudicar seu trabalho acadêmico...

— Olha quem diz! Você não tem muita moral, Edgar. Faz só umas horas que desligou meu computador enquanto eu escrevia minha monografia... — digo, rodando meu copo na minha mão. Ele ri e coloca a mão nos lábios para não cuspir a cerveja.

— Ah! Por favor... Você estava escrevendo na nuvem, estava salvo.

— Você não sabe disso!

— É claro que sei, eu olhei antes, tá?! — Ele replica, rindo alto, e me lança um olhar em desafio, pelo canto de olho. — Você também alugou todos os livros de Sociologia quando eu precisava fazer aquela prova pra monitoria que você queria. Nós somos farinha do mesmo saco.

— Até parece que você não xerocou de alguém... — digo, entre pequenos espasmos de tosse por ter rido alto demais. — Se estamos no assunto, você praticamente subornou o professor Carlos para te deixar ir no último Congresso com a verba que era destinada ao *meu* departamento.

Ele me olha como se eu tivesse ofendido a sua mãe, então se inclina para perto de mim.

— A verba é de todo mundo! E talvez eu não precisasse fazer isso se você não tivesse chamado o meu artigo de “*acessível*” no simpósio do ano passado. Eu tinha que recuperar a minha credibilidade. — O encaro ultrajada. *Talvez* eu tenha feito exatamente o que ele falou. — Mas nunca é grave de verdade. A

gente sempre consegue contornar, é só uma rivalidade, um jogo... Olha nos meus olhos, Maria Clara, e me diz que você não gosta nem um pouquinho...

Não sei se é o efeito da bebida, da meia-luz ou da noção súbita de que ele está certo. Gosto dessa rixa. Gosto muito. Os olhos castanhos dele estão ali, esperando uma resposta e eles me engolem.

— É... talvez.

Ele segura o olhar, mas quando começo a ficar sem graça, ele desvia.

Edgar poderia ser bonito, se não fosse tão ranzinza. Suas feições misturaram traços brancos com algum dos povos nativos — talvez aimará ou quéchua, mas eu sinceramente nunca perguntaria, sob o risco de parecer interessada demais — e ainda que ele certamente parecesse ter ganho na loteria genética, sua expressão sempre manchada por aquele sorriso de escárnio estraga toda a sua estética. Mas ali, sentado naquele bar, semibêbado, Edgar parecia outro. Uma única ruga marcava o meio das suas sobrancelhas, ele parecia compenetrado em algum pensamento complicado demais para o nosso nível alcoólico. Dou outro gole na minha cerveja enquanto espero que ele conclua o raciocínio.

— Nós temos que ir lá pegar esse colar.

— Era o que eu estava tentando fazer, Sherlock, mas não acho que Rafael vá abrir a porta para nenhum de nós dois.

— Não, Clara — ele diz, reforçando meu nome como se fosse um palavra —, a gente tem que ir lá pegar esse colar *agora*. Enquanto ele está na aula.

— Tá louco, Edgar? Isso é invasão de domicílio! Quer que eu seja presa, né?

— Não! Ai meu Deus, Clara! Ele é um bosta, te humilhou! Você tem que correr atrás do é importante pra você! Volta aqui. — Ele segura o meu braço, porque imagina que eu esteja indo embora. Só me virei para pegar meu celular e quase escorreguei da cadeira. Esse é o nível de bêbados que estamos. Mas agora que ele me segura, olho da mão para o rosto dele e posso jurar que ele cora um pouquinho antes de me soltar e continuar, a voz arrastada: — Desculpa. Me irrita que ele passe por cima das pessoas. Você tem a chance de revidar e de salvar seu trabalho. E você sabe, inimigo do meu inimigo...

— E o Rafael é mais seu inimigo do que eu... — digo e ele ri, chamando Seu Antonio para pagar a conta.

Vou sempre culpar a bebida por essa noite. Sempre. Mas a realidade é que sei muito bem o que estou fazendo.

— Então vamos, meu amigo, porque a vingança nos espera.

## Capítulo 4

Paramos na frente do imponente sobrado, onde os dois conjuntos de janelas e as duas portas — tanto a da frente, quanto a da sacada de Rafael — nos encaram.

— Aposto que ele não tranca a sacada direito.

— Não tenho certeza... — começo, mas Edgar me corta.

— Então aposta? Quem perder cede a reserva da máquina de microfilme por uma semana pro outro. — Aperto os olhos e ele sorri debochado.

— Fechado.

Deus protege os bêbados e as criancinhas, disso tenho certeza. Penso que estou mais sóbria quando escalo o portão e pulo para o muro que divide as casas, mas a realidade é que não considerei se existem cachorros na vizinha. Apenas pulo para a sacada baixa do quarto de Rafael, me segurando nas barras de ferro do parapeito. Quando Edgar pula, as ferragens se chacoalham e penso que se o barulho não acordou toda a vizinhança, ele caindo de lá de cima irá. Mas ele mantém o equilíbrio e eu pergunto-me quantas vezes ele já escalou sacadas dessa maneira.

Quando estamos do lado de dentro da sacada, ele indica com a cabeça para que eu tente abrir a porta. Está travada a princípio, mas com só um tequinho mais de força ouço o trinco clicar. Edgar sorri.

— Devia ter pedido um mês... — ele diz, passando triunfante do meu lado. Ele não caiu da sacada, mas por um segundo, sou capaz eu mesma de empurrá-lo lá de cima.

Quando entramos, tudo está dolorosamente igual ao que sempre foi. A cama está arrumada, mas a escrivaninha é um pardieiro. E na parede lateral do quarto, decorando o que um dia fora uma das salas de jantar deste palacete, está o grande painel de azulejos. Nossa Senhora me encara, como sempre me lembrando dos meus vários pecados em sua presença. Edgar explora os pertences de Rafael.

— Pare de tirar as coisas do lugar!

— Esse babaca tem uma coleção de facas de combate.

— As pessoas são livres para colecionarem o que quiserem.

— Nossa, dá licença que a tia quer passar pano, né? — diz Edgar, tra-

zendo a faca consigo enquanto observa o painel todo. — Onde está o diabinho?

— É literalmente um anjo — aponto.

— O diabo também era... — Ele ergue uma sobrancelha. — E esse definitivamente é a cria de Satã.

Edgar dá batidinhas com o cabo da faca em cima do anjo deformado e soa oco. Ele sorri para mim e antes que eu consiga perguntar como vamos fazer, ele enfia a ponta da faca no rejunte e golpeia a extremidade do cabo. O rejunte trinca. Eu me seguro, observando ele repetir o mesmo nos outros lados. Paramos algumas vezes para conferir se ninguém está subindo as escadas. É tarde para a vó Idalina, que dorme às nove horas, aparecer, mas nossa movimentação pode ter chamado atenção.

Já estou satisfeita de deformar a ponta de uma de suas preciosas facas, mas quando vejo que o azulejo está caindo para frente, na palma das minhas mãos, meu coração explode.

Não estou errada. Está lá! E Edgar parece tão feliz quanto eu quando ergue o colar de pedras azuis nos dedos finos.

## Capítulo 5

Saímos por onde entramos e andamos a passos apressados pela rua, observando se nos seguem. Rio completamente embebedada senão pela cerveja, pela adrenalina, mas Edgar segue sério, com as mãos no bolso do casaco.

— A diferença entre eu e um ladrão profissional — zombo. Ele para abruptamente na minha frente com a acusação e paro de rir atrás dele. A rua está mal iluminada, mas vejo seu sorriso zombeteiro.

— Primeiro, não roubamos nada. O colar não é do Rafael, então no máximo o recuperamos — ele diz, avançando um passo em minha direção. Um carro passa na rua lateral e me encolho de susto. — Mas se você não acha que é sério andar com uma peça dessas no seu bolso, te julguei errado, Maria Clara.

— Deixa eu ver — peço, ansiosa como uma criança e ele me atende. A pedra pega metade da palma da sua mão e brilha ao mísero toque do luar.

— Vira, deixa eu colocar em você.

— Não. Alguém vai assaltar a gente.

— Não tem ninguém aqui. Vai, vira. — ele sussurra. Olho para os lados e cedo.

O sereno se transforma em uma chuvinha chata e quando sinto a mão quente de Edgar no meu pescoço, arrepio.

— Pronto — ele diz e me viro, levantando as sobrancelhas, curiosa com a sua reação. Ele olha satisfeito primeiro para o colar, depois para mim, e sorri.

— Fascinante.

— Eu ou o colar? — brinco, mas um portão de ferro arranha em algum lugar perto dali. Edgar também se assusta e joga o corpo contra o meu, nos camuflando contra o muro com o seu casaco escuro. Ficamos nessa posição por segundos que parecem uma eternidade, mas ninguém aparece.

— Você tá me esmagando!

— Você é muito reclamona, meu Deus!

Começo a rir de novo, debaixo dele, e ele se vira para me encarar.

Estamos próximos. Muito próximos. Olho para ele, respirando pesado. Meu olhar corre para a sua boca sem querer. Culpo a adrenalina e tenho certeza de que ele também.

Sinto a mão dele atrás do meu pescoço e então fecho os olhos. Edgar me beija, com uma das mãos agora alojada na base das minhas costas enquanto a outra segura meu rosto, seu polegar roçando minha bochecha. Edgar me beija como se fosse uma competição. Eu me esqueço de respirar. Nós nos esquecemos de tudo. Devo estar muito bêbada. Quando foi que isso aconteceu?

Uma luz forte passa por nós e nos separamos imediatamente. Edgar me coloca atrás dele e tento protestar, mas vejo uma figura parada ao nosso lado.

— Ed? — diz o homem, e então os ombros de Edgar relaxam. Subo na ponta dos pés para ver além do seu ombro, um senhor baixinho e barrigudo com uma lanterna na mão.

— Oi, tio Miro — Edgar responde, enquanto passa o polegar por debaixo do lábio, tentando amenizar a mancha vermelha do meu batom nele.



Estou sentada na sala da avó de Rafael. Também conheço Seu Miro, mas ele me ignora, apenas resmungando coisas como “Vocês dois ainda vão

se matar” e “Onde já se viu, a essa hora da noite!”, no caminho de volta. Edgar tira o sobretudo e o apoia em uma cadeira, e eu o repreendo por sair andando assim pela casa. Demoro muito para entender que “vocês dois” não somos eu e Edgar. Então, por conta do barulho e da confusão, vejo dona Idalina, a avó de Rafael, sair de roupão até a sala.

— Pode voltar a dormir, mãe. É só o Edgar, que deu uma passada aqui — diz Seu Miro.

— Edgar! Ai meu filho, faz tanto tempo que não te vejo. Algum problema?

— Não, vó, nenhum problema... — diz, abraçando a senhora franzina. Vó? Estou fazendo árvores genealógicas na minha cabeça, quando ouço a tranca da porta.

Rafael entra alarmado, com certeza não acostumado com as luzes ligadas a uma hora dessas.

— Aconteceu algo? — diz ele, olhando do tio para a avó, mas seu olhar realmente fica confuso quando me encontra no sofá, quase me fundindo às almofadas. — Clara? Você teve a pachorra...

— Ela não teve nada e você que... — começa Edgar.

— QUIETOS, VOCÊS DOIS! — grita Seu Miro, se interpondo entre eles. — Você senta lá e você, Rafael, se quiser subir pra sua casa, vai, mas se ficar aqui vai tratar seu primo decentemente.

Rafael torce o nariz e Edgar se senta em um movimento, braços cruzados. Abro a boca pela primeira vez.

— O Rafael é seu primo? — digo, boquiaberta.

— É... Não exatamente, não é mesmo? — diz Rafael, com as narinas dilatadas.

— Posso não ser filho do meu pai, Rafael, mas não sou eu que sou o filho da...

— EDGAR! MAIS RESPEITO! — grita o tio e os dois encolhem os ombros. — O que vocês dois estavam fazendo lá em cima?

A pergunta de Seu Miro me inclui agora e fico inteira vermelha. Consigo ver agora, sóbria, o quão idiota foi esse plano e pior, o quão vergonhoso. Invadi a casa do meu ex, que tipo de pessoa eu sou?

— A Clara precisava de um negócio lá do apartamento pra um trabalho de faculdade e o Rafael se negou a entregar.

— Conveniente não mencionar que vocês precisavam arrancar *minha parede* pra pegar esse colar...

— Que colar? — pergunta Dona Idalina, sentada em uma das pol-

trona. Respiro, então conto tudo. Sobre a carta, sobre a história de amor, sobre a morte da remetente, sobre o anjo feio e sobre como tiramos o colar de trás do azulejo. Tiro o colar do pescoço e entrego-o a ela. — É isso. Não tenho mais detalhes dessa Délia, parece que tudo relativo a família dela desapareceu depois da sua morte e não tenho ideia de quem era o amante dela. Ela só o chama de “beija-flor”.

Edgar parece ter levado um tapa assim que ouve isso. Dona Idalina também parece mais interessada e freia o filho antes que ele continue o interrogatório dos netos.

— Você tem a carta aí, filha? — pergunta Dona Idalina e eu assinto. Essa carta tem sido minha vida nos últimos dias. Dona Idalina a pega com cuidado e o ambiente cai em silêncio. Troco um olhar confuso com Edgar e ele sussurra para mim.

— “Beija-flor” era o apelido da nossa bisavó — ele começa. — Achamos muitas cartas guardadas, depois da morte dela. Achávamos que ela tinha um amante, mas...

— Mamãe contava sobre uma amiga que morava aqui, acamada. Ela fez papai comprar a casa, pra cuidar dela. Eu era pequena quando ela morreu.

— Você está bem, vó? — pergunta Edgar e me sinto triste. Deveria ser uma história bonita de amor através do tempo, mas desenterrei um segredo de família. Dona Idalina assente.

— Tenho que pedir perdão. Foi só uma ideia estúpida — esfrego os olhos. — A gente tomou umas cervejas e...

— Nem pensar que você vai publicar isso! — começa Rafael. Edgar está pronto para argumentar, mas Dona Idalina nos corta.

— Foi de fato uma ideia insensata — diz, com a expressão mudada, resoluta — e Rafael tem razão, isso mancha o nome da família. Miro, leve a menina para casa. Edgar, você dorme no quarto de hóspedes. Todos para a cama.

— Mas... — me ouço falar, chocada. Vejo o colar na mão de Dona Idalina que deixa a sala, levando-o. Minha chance de sucesso escapando. Toda uma noite de aventura, risco e perigo, por nada.

— Desculpa. — Edgar sibila, antes que Seu Miro me escolte para fora da sala. — Vou tentar falar com ela, mas...

— Tentar? Eu apostei meu réu primário nisso! — digo, segurando as lágrimas de raiva. Seu Miro passa e decido falar o que está entalado na minha garganta, antes de segui-lo. — Você não queria que eu corresse atrás do era importante, né? Você só me usou para se vingar do seu primo e depois reclama que ele passa por cima das pessoas. Fica com o colar, não passa de um monte de pedrinhas polidas.

## Capítulo 6

Não vejo Edgar na faculdade nos próximos dias, o que é uma benção. Tenho pouco tempo para fazer alterações, que se não me permitirem passar com uma nota alta, me permitem *passar*. Alguns dias depois, quando estou estudando, sinto uma mão no meu ombro.

— Posso falar com você um minuto? — ouço Edgar chamar. Estou preparada para dar uma resposta azeda, mas quando me viro, ele está abatido, com olheiras.

— Claro — respondo, caminhando para longe dos estudantes silenciosos. — Algum problema?

— Não, na realidade, bem pelo contrário. — Ele dá um sorriso, fraco. — Isso é para a sua monografia. Espero que dê tempo de acrescentar.

Ele me entrega um caixa. Eu a abro e é Natal para mim. Dentro encontro não só o colar, mas também o azulejo solto e algumas fotos do ambiente, tudo catalogado. Além disso, há cópias das cartas entre Délia e Rosalina, com pequenos *post-its* que explicam seu conteúdo. Edgar se preocupou em deixar até as referências prontas para que eu as copiasse.

— Meu Deus, isso vai ser... Não sei nem como te agradecer.

— Bem, você pode cumprir sua parte na aposta e liberar a máquina de microfilme, já ajuda muito... — ele diz, tentando soar engraçado. Tem algo de muito errado com ele.

— Como você convenceu eles disso?

— Tive que lembrar pra eles que ser um Botelho significa ser teimoso e, bem... eu *sou* da família! — Quero questionar, mas ele me interrompe. — Preciso ir, tenho prova. E vou precisar do colar de volta, não se empolgue!

Ele sai, me deixando com um colar de safiras no meio da biblioteca e com um prazo impossivelmente pequeno para adicionar tudo aquilo.



Na defesa da minha monografia, as histórias das cartas de cada uma das mulheres que decidi retratar são igualmente importantes. Entretanto, tenho um apreço especial quando conto sobre Délia Carvalho. Narro como seu romance com Rosalina Botelho alterou toda a dinâmica econômica da cidade, quando forçou a mudança da mineira família Botelho, e por consequên-

cia, da suas indústrias de laticínio Vaca Amarela, para São Paulo. Descrevo como Rosalina cuidou da acamada Délia até sua morte, seis anos depois da fatídica carta e mostro o colar e o azulejo.

A professora Yolanda, com seus quase 8 meses de gravidez, fica embasbacada. Ela não é a única e recebo uma boa nota: 9,8 com pequenas considerações para ajustar antes de entregar a versão final na biblioteca.

Quando termino, Edgar me parabeniza, mas me olha intrigado.

— Não era para a Joana Haveiro participar da sua banca? — diz ele, olhando a outra professora que também acompanhou toda a apresentação, porém da plateia.

— Sim, mas segui um conselho de ir atrás do que queria. O Rafael é um teimoso, mas a professora Joana é bem razoável, até — digo, então lhe devolvo a caixa com o colar, junto de uma piscadela. — Bom, obrigada pelo empréstimo, mas diga a sua vó que prefiro pedras rústicas. Ah, isso me lembra, minha orientadora quer publicar esse trabalho como um artigo. Sugeri você para ajudar com a Geografia Urbanística, topa?

Edgar começa a falar, mas para e assente. Fico em choque! Consegui calar Edgar Botelho. *Que dia, Brasil!*

Depois de me despedir da minha mãe, pergunto para Edgar:

— Stella?

— Oi?

— Cerveja, Edgar. Nós vamos comemorar. Se não gosta, pede outra coisa, mas essa é por minha conta — digo, rindo. Edgar devolve o sorriso. — Você vem, não?



Velani Diz é uma apaixonada por musicais, livros e genealogia – em resumo, qualquer boa história! Divide seu tempo entre ler, escrever, como ML do NaNoWriMo e como editora na Revista Pretérita, de ficção histórica. Está sempre disponível para explicar a história do seu próprio nome.

# Correio Elegante

Autoria: Thais Rocha | Edição: Ana Ferrari | Revisão: Camila Paixão

De: Ricardo

Para: Clarice

Querida Clarice,

Coloquei esse bilhete dentro do seu livro preferido e espero que ele te encontre a tempo (acho pouco provável que você não vá abrir esse livro num futuro próximo, mas quando o assunto é Guardiões e livros a gente nunca pode ter certeza de muita coisa, né?).

Sei que teoricamente eu sou bom com palavras, sei escrever poemas e textos que tocam o coração das pessoas, mas cá estou eu, suando frio ao escrever esse bilhete. A verdade é que não tenho nenhuma esperança de surpreender você, que já leu todos os livros disponíveis na biblioteca, você que já conhece todos os clichês de amor e declarações que heróis fazem a suas heroínas.

Então, resolvi nem tentar. Não vou tentar ser inovador ou mais romântico ou melhor do que ninguém. Vou apenas ser honesto.

E a minha verdade é: eu amo você. E sendo essa a minha verdade, tenho vontade de ficar o tempo todo perto de você, nem que seja para te observar lendo durante um milhão de horas seguidas. Quero ouvir tudo o que você tem a me contar sobre os personagens do livro que você está lendo, quero te ouvir rir (e ser o motivo dessas risadas), quero saber como foi seu dia, como anda seu treinamento, e, claro, quero segurar na sua mão e te beijar. Porque penso nisso com mais frequência do que seria considerado saudável.

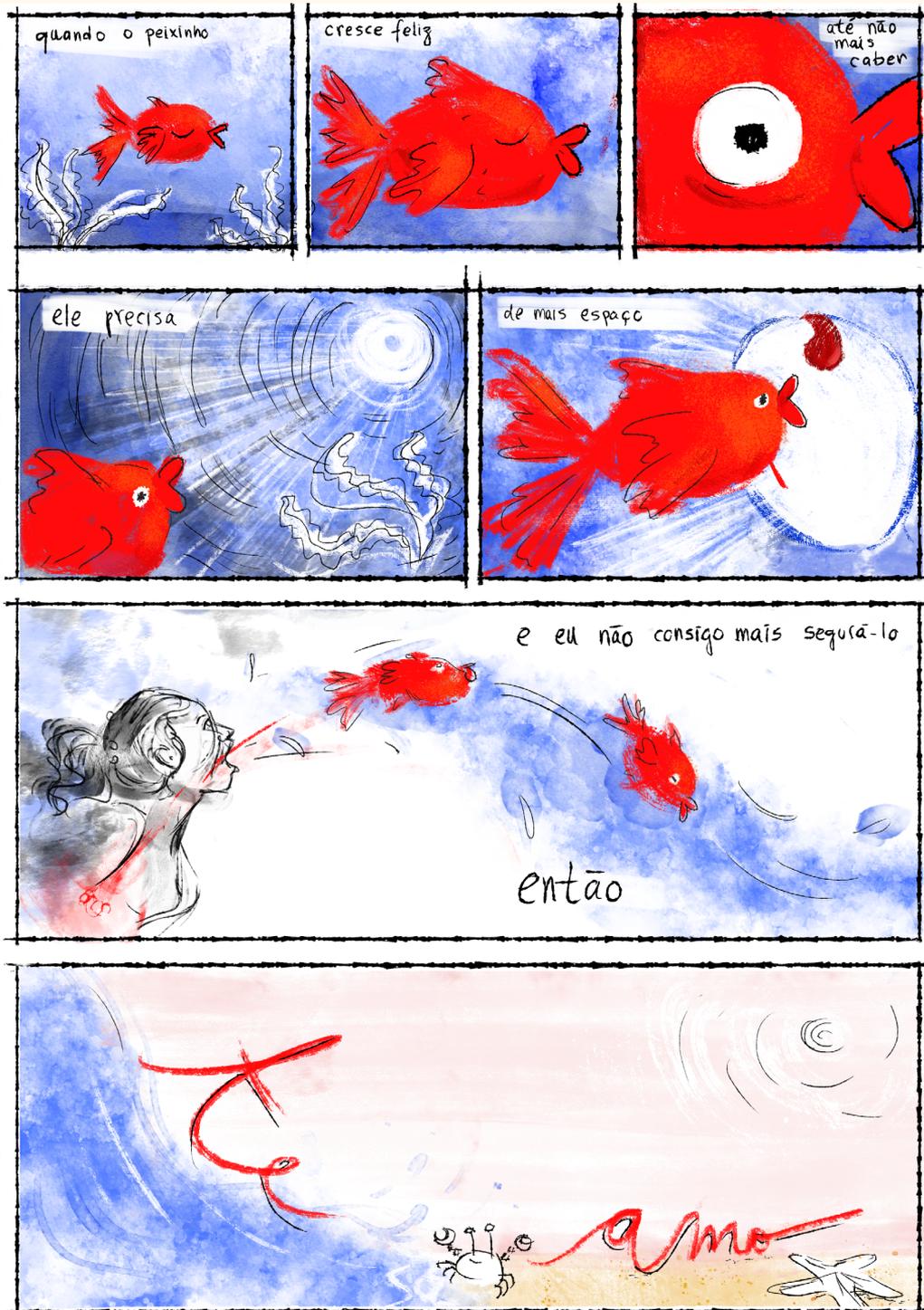
Espero que encontre esse bilhete logo e venha me ver, e que tenha mudado de ideia quanto a ir ao baile comigo. Por favor? Não há mais ninguém que eu queira a meu lado, sendo minha princesa.

Com todo o amor do Mundo das Palavras,  
Ricardo



Thais é geminiana com ascendente em aquário, o que é um desafio constante para sua lua em capricórnio, única responsável por mantê-la ancorada na terra. Adora ler e escrever coisas trevosas e tem uma história pronta para contar toda vez que perguntam por que odeia tanto Platão. Seu encontro perfeito envolve queijo, batata frita e conversas estimulantes sobre assuntos potencialmente inúteis.

Autoria: Tainá Ferrari



Tainá gosta de botar a vida em movimento, seja na profissão de Motion Designer ou dançando Contato Improvisação. Sua salvação tem sido transformar seus dramas pessoais em ilustrações, poesias e autoretratos. Acha Buzz Lightyear o melhor filósofo com "Ao infinito e além".

# Créditos

## **Equipe editorial**

Ana Farias Ferrari

Camila Paixão

Luísa Scheid

Tatiane Lucheis

Thais Rocha

## **Equipe de design**

Rafael Lopes

Vitor Teixeira

## **Autores convidados**

Bruny Guedes

Giovanna T. Catapani

Tainá Ferrari

Velani Diz

# Apoie esta revista

Se você gostou do conteúdo e quer nos ajudar a caramelizar mais maçãs, você pode nos apoiar através do Catarse. A Revista Maçã do Amor conta com voluntários, que editarão e publicarão a revista independentemente do valor arrecadado. Ao apoiar, você ajuda a garantir que esse trabalho aconteça com a remuneração da equipe e futuramente dos artistas publicados. A Maçã do Amor é feita de brasileiros para brasileiros, focada na expressão de artistas nacionais. Financiar a Maçã do Amor é financiar a literatura e a arte visual nacional.

## Dê uma maçã

Se você gostou do conteúdo mas não pode nos apoiar financeiramente, compartilhe esta revista com seus conhecidos. Ajude-nos a levar amor para todos os cantos. Além disso, você também pode votar através do nosso site e dar uma maçã virtual para seus artistas favoritos.

## Participe

A Maçã do Amor é uma revista de participação aberta. Você pode enviar seus textos através dos editais para as redes sociais ou para a revista. Confira nosso site para maiores informações e seja você também uma Maçã do Amor.



[www.revistamacadoamor.com](http://www.revistamacadoamor.com)



[@leiamacadoamor](https://twitter.com/leiamacadoamor)



[@leiamacadoamor](https://www.instagram.com/leiamacadoamor)